

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ELISE DOBBIN MENDES DE ALCÂNTARA

**A DEVASTAÇÃO ENTRE MÃE E FILHA E SEUS DESTINOS TRÁGICOS PARA A
MULHER**

RECIFE

2024

ELISE DOBBIN MENDES DE ALCÂNTARA

**A DEVASTAÇÃO ENTRE MÃE E FILHA E SEUS DESTINOS TRÁGICOS PARA A
MULHER**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora
como requisito para obtenção do título de Mestre em
Psicologia Clínica pela UNICAP - PE.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Paula Cristina Monteiro de Barros

RECIFE

2024

A347d Alcântara, Elise Dobbin Mendes de.
A devastação entre mãe e filha e seus destinos trágicos para a mulher / Elise Dobbin Mendes de Alcântara, 2024.
75 f.

Orientadora: Paula Cristina Monteiro de Barros.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2024.

1. Psicanálise. 2. Mãe e filha - Aspectos psicológicos.
3. Mulheres - Aspectos psicológicos. 4. Gozo. I. Título.

CDU 159.964.2

Pollyanna Alves - CRB4/1002

ELISE DOBBIN MENDES DE ALCÂNTARA

**A DEVASTAÇÃO ENTRE MÃE E FILHA E SEUS DESTINOS TRÁGICOS PARA A
MULHER**

BANCA EXAMINADORA

Paula Barros

Profª Drª Paula Cristina Monteiro de Barros – Orientadora

Edilene Freire de Queiroz

Profª Drª Edilene Freire de Queiroz – Examinadora interna

Edgley Duarte de Lima

Prof Dr Edgley Duarte de Lima – Examinador externo

RECIFE

2024

AGRADECIMENTOS

A Deus, hoje e sempre.

Ao meu marido Eduardo Alcântara, meu amor e parceiro nesta vida e além.

Aos meus lindos e amados filhos Tomás e Inácio, minhas razões de viver.

À Paula Cristina Monteiro de Barros, minha orientadora, que escutou com carinho o meu desejo de escrever esta dissertação, apesar das adversidades de um período turbulento como a Pandemia da COVID-19.

Aos examinadores da banca Edilene Freire de Queiroz e Edgley Duarte, pelas observações criteriosas e leitura atenta e carinhosa do meu trabalho.

RESUMO

A devastação é uma das manifestações da incidência do gozo que se sobressai na relação entre mãe e filha. A devastação entre mãe e filha, propõe Lacan, delineia a relação da filha com a sexualidade materna na experiência com o gozo do Outro. No enlace materno, como sublinha Freud, a menina se imbrica na sexualidade da mãe e busca respostas para o seu ser de mulher. Neste trabalho, a partir de Freud e Lacan, refletimos sobre a mulher e os efeitos trágicos da devastação entre mãe e filha. A escuta clínica dos significantes “usufruir” e “corpo”, atrelando-os aos destinos devastadores na vida de uma paciente, despertou o nosso interesse por problematizar o trágico na história de uma personagem, que nos surpreendeu pelo caráter avassalador do gozo da mãe a imprimir para a filha um lugar que a aprisionou, não se constituindo enquanto enigma materno para ela. O objetivo geral desta dissertação consistiu em discutir sobre a devastação e seus destinos trágicos, para uma mulher, na relação entre mãe e filha. Foi realizada uma pesquisa com a psicanálise, que, partindo de fragmentos do caso clínico e pautando-se no método psicanalítico de interpretação, propôs a construção narrativa e a análise da história da personagem Gypsy Rose, na série americana “The Act”, que se referenciou na lógica da construção de caso clínico. O singular da série encontra-se nas saídas que a personagem empreendeu para si mesma, destacando-se pelos destinos que deu ao seu corpo frente ao dinamismo pulsional enfrentado com a sexualidade materna, ao destino que traçou na devastação com a mãe, além da constituição de uma vida amorosa com o namorado, durante toda a trama, configurando o que se revelou de trágico na relação com o Outro materno.

Palavras-chave: relação mãe e filha, devastação, gozo, trágico, psicanálise.

ABSTRACT

Devastation is one of the manifestations of the incidence of joy that stands out in the relationship between mother and daughter. As considered by Lacan, the devastation between mother and daughter perceives the daughter's relationship with maternal sexuality in the experience of the Other's enjoyment. In the maternal bond, as Freud highlights, the girl is intertwined with her mother's sexuality and seeks answers to her being a woman. In this work, based on Freud and Lacan, we reflect on women and the tragic effects of devastation between mother and daughter. Clinical listening to the significant concepts of "enjoyment" and "body", linking them to the devastating destinies in a patient's life, aroused our interest in problematizing the tragedy in the story of a character, which surprised us by the overwhelming nature of the mother's joy of imprinting for her daughter a place that collided her desire, which we assume was not a enigma for her daughter. The general objective of the work was to discuss the devastation and tragic fates of a woman in the devastating relationship between mother and daughter. Research was carried out with psychoanalysis, which, starting from fragments of a clinical case and based on the psychoanalytic method of interpretation, proposed a narrative construction and analysis of the story of the character Gypsy Rose, which was referenced in the logic of clinical case construction. The singularity of the series lies in the outings that a character undertook for herself, standing out for the destiny she gave to her body in the face of the instinctual dynamism faced with maternal sexuality, the destiny she traced in the devastation with her mother, in addition to the constitution of a love life with her boyfriend after her maternal death, considering what was tragic in the relationship with the maternal Other.

Keywords: mother-daughter relationship, devastation, enjoyment, tragic, psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA EM PSICANÁLISE	14
2.1 “The Act” e o lugar da mulher na devastação	16
2.2 O que é o caso?	17
2.3 Gypsy Rose e os efeitos trágicos da devastação	19
3 DESEJO MATERNO E SUA RELAÇÃO COM O OUTRO	29
3.1 A relação do desejo materno com o falo	30
3.2 Os entraves da sexualidade feminina: amor e ódio na relação mãe e filha	39
3.3 A devastação entre mãe e filha	48
4 OS DESTINOS TRÁGICOS DA DEVASTAÇÃO NA MULHER.....	54
4.1 O sujeito trágico para a Psicanálise	55
4.2 “The Act”: O desenlace do Outro como uma saída trágica.....	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

A devastação constitui-se um fenômeno psíquico de muita complexidade. Como uma das manifestações da relação mãe e filha compõe uma trama singular sobre o feminino, com desfechos e saídas diversas. Concebida por Lacan nos anos 1970, a devastação é uma marca da relação mãe e filha, que mantém uma afinidade particular com o gozo feminino, não o fálico, do registro sexual, mas aquele determinado como um “mais além” da experiência simbólica, fora desse registro.

A escrita desta dissertação surgiu a partir de queixas de uma paciente atravessada por discursos maternos, que operaram uma relação singular com o desejo do Outro, marcando o início das minhas indagações sobre a constituição de um corpo feminino no desejo materno e os efeitos oriundos da devastação na subjetividade da filha. O percurso da pesquisa salienta, sobretudo, o lugar da devastação como uma realidade que invade a subjetividade da mulher e deixa rastros significativos para a filha.

Pensamos teórica e clinicamente sobre as repercussões do gozo do Outro materno e os destinos inventados por cada mulher na esteira dos desdobramentos da devastação com a mãe. Foi preciso, durante o percurso do mestrado, reler as particularidades do caso clínico. O que havia sido dito e recolhido do caso, em termos de uma submissão do corpo da mulher ao desejo do Outro, se tornou paradigmático. Esse algo “a mais” diz respeito ao destino desse corpo feminino, que se deixou invadir pelas insígnias maternas. Um dito recolhido: “eu sempre fiz tudo o que ela queria” nos remeteu ao desejo da paciente de se submeter ao destino que a mãe lhe reservou, fazendo de seu corpo um palco para os registros do campo do Outro, implicando desejo e gozo.

A partir disso, a devastação da mulher com a mãe tomou forma e reacendeu, em nós, novas reflexões sobre os efeitos que decorreriam de um vínculo intenso e extenso vivido *a priori* com o Outro materno, persistindo na constituição da subjetividade da filha/mulher.

Trago, aqui, algumas considerações a respeito da paciente marcada pela experiência traumática da devastação materna. Não pretendemos, neste estudo, analisar e avaliar o caso clínico e suas especificidades, limitando-nos apenas a aludir alguns fragmentos que se tornaram o ponto de partida da pesquisa, caminhando na lógica do recolhimento de significantes que se sobressaíram na escuta do caso. Algumas questões sobre o desejo materno se impuseram e, no transcorrer do mestrado, que se deu um tempo depois de ter acompanhado a paciente na clínica, fez surgir, a questão da submissão do corpo da mulher aos vaticínios maternos.

Para além da construção do caso clínico, continuamos interrogando um “algo a mais”, que se sobressaía na história, impondo-se constantemente na releitura que fazíamos do que havia feito furo na escuta, ao compreendermos a relação da paciente com a mãe. A relação tão íntima da mulher com o desejo materno se destacava como ponto articulador da relação mãe e filha. Na época dos atendimentos, o desejo se mostrava enigmático para a mulher, que apresentava uma mãe indiferente, cruel e mortífera.

Os enlaces que decorreram de uma fixação entre elas puseram em questão a infundável relação que uma menina pode fazer perdurar com o Outro. Interrogamos o desejo como enigma, que deixava a filha “à deriva”, no que concernia à questão da constituição do corpo, não parecendo haver algo que interceptasse a relação devastada que se delineava com o Outro materno. Nesse sentido, a questão sobre o desejo “afinal, o que minha mãe quer?” sugeriu que avançássemos em outro tema, que destacaremos mais à frente, esboçada na formulação: Quais os possíveis destinos que o desejo materno reserva à filha como mulher?

Encontramos também, nas entrelinhas da discussão sobre o desejo, a questão do gozo, que se destacou e nos direcionou para o “algo a mais” que se inseria nas entrelinhas do caso. Foi, portanto, com os enigmas do desejo e do gozo maternos que deixamos aqui as vias para a compreensão da devastação entre mãe e filha, com a filha sendo tomada nos caprichos maternos e se destinando ao lugar de objeto de gozo do Outro.

Apreendemos alguns desdobramentos sobre a paciente relacionados às suas queixas frequentes sobre uma mãe que arrasava com qualquer tentativa de ela vir a existir como sujeito. O discurso ressentido “eu odeio ela” nos dirigiu para o lugar dos impasses entre mãe e filha no tempo pré-edípico, adquirindo um lugar central na sua história. A questão da subjetividade materna apontava-nos para a dificuldade inerente à mulher na constituição de uma sexualidade feminina própria, destacando o modo como a filha se entrelaçava à sexualidade materna e se encaminhava, em um tempo posterior, para uma devastação. Esbarramos nas questões que a paciente apresentava sobre uma mãe indiferente à sua existência, que elucidava uma mulher vaticinadora, surgindo, para nós, a questão que regeu esta dissertação: A que responde a mulher face ao enigma do desejo materno e ao seu gozo? Dessa forma, assujeitada aos desígnios de uma mãe onipotente, a paciente era invadida por ditos cruéis do Outro, não conseguindo desprender-se do vínculo materno, o que a fazia permanecer na posição de realizar tudo o que a mãe queria.

A partir do caso, de modo a seguir nas elaborações sobre a devastação e seus potenciais efeitos na constituição da mulher, persistimos nos estudos de Freud e no ensino de Lacan, respaldando-nos nas leituras que trouxemos sobre a devastação, realçando o lugar da mulher no

encontro com os vaticínios maternos, frente a um gozo que se impõe para a filha. Pudemos inferir que, nas tentativas de alcançar respostas que dessem conta da dor que carregava, na tentativa de apaziguar o sofrimento que corroía o seu ser, a paciente relatou difíceis perdas, carregando o peso - refletido em seu sobrepeso - de muitas mortes que não pôde elaborar em meio ao que se fez marca de experiências traumáticas com o Outro materno.

Debruçamo-nos, assim, sobre a questão do desejo materno ressoando na vida da filha, introduzindo-a em um modo singular de a mãe gozar dela, destituindo-a, retalhando-a, como sinaliza a vertente da devastação. O modo de se responder aos determinantes de uma mãe nos fez pensar nas entrelinhas do desejo, trazendo a marca de um gozo “sem limites” da mãe com o corpo da filha. Frente a isso, sentimos a necessidade de avançar na compreensão de um modo de gozar materno, que invade o corpo da filha, com destaque para os diferentes destinos que a mulher inventa para si mesma para dar conta disso, da possibilidade da filha se descolar do Outro.

Ao retomar as leituras das sessões da paciente, a questão que trouxe “Afiml, o que ela quer”? fez eco e pudemos considerar que aí se imbricava uma relação que a mantinha na posição de objeto, insistindo em algo de uma construção possível com o Outro, desinvestida falicamente e recorrendo a respostas sobre seu lugar no desejo. Os efeitos nefastos no corpo da filha, inscritos pelos decretos da mãe, impuseram-se à paciente e vinham trilhando uma história complicada para ela. Na realidade, os ditos maternos deram um destino à filha: “Minha mãe sempre teve muito poder, era muito decisiva na minha vida. Não sei por que, mas eu fazia as coisas que ela queria”.

Pudemos presumir que a mãe, de um lugar absoluto, exercia um poder que a filha não tinha sido capaz de contrariar, ao que ela própria supôs advir como singularizando o desejo materno, ou seja, a paciente se inclinava para as suas determinações, quando a mãe dizia: “não me apareça aqui grávida”, ou “minha mãe queria que eu me casasse com um advogado”, na medida em que se via imiscuída dos seus ordenamentos, sentindo-se obrigada a realizá-los, sem se interrogar sobre suas ações que equivaliam ao que o Outro lhe impusera.

Nesse sentido, a partir das considerações aqui colocadas, surgiram algumas questões sobre os destinos de um corpo feminino, a partir da escuta sobre o desejo: Quais seriam os efeitos no corpo de uma filha submetida aos vaticínios maternos? A questão nos relançou para as especificidades da mulher e do feminino, que apontaram para o confronto que se impunha ao sujeito na relação com o desejo e com o que destacamos como o “mais além”, o gozo da mãe. Assim, compreendíamos que, na dureza de algumas palavras proferidas à paciente, uma

história de vida se construía ligada à submissão de uma filha às leis imperiosas da mãe, ganhando a forma de um gozo sem precedentes.

Seguimos rastreando os restos da história e estes ecoaram em um segundo momento dos estudos com a psicanálise. Os restos da análise, que não teve seu fim, permitiram que o caso fosse pensado para além da devastação. Insistindo na compreensão do que poderia reger a constituição de um corpo feminino na devastação, eis que surgiu, no *a posteriori*, já na construção da dissertação, outro tema, o trágico. Fomos construindo um saber, que se tornou causa, desejo de saber mais sobre algo que se impunha, incluindo-se a ideia de que o trágico se despontaria de algum modo na relação mãe e filha a constituir desfechos outros para as escolhas singulares da menina. Assim que resgatamos uma fala da paciente “ela usufruiu do meu corpo, sou filha única dela”, demo-nos conta da dimensão trágica da devastação mãe e filha, extraindo dois significantes que nos ajudaram a pensar no “mais além”: “usufruir” e “corpo”.

Fomos impelidas a desenvolver o tema na dimensão de um corpo que se delineava nos efeitos oriundos de uma onipotência materna, com consequências psíquicas que dialetizavam entre desejar e não desejar, ser ou não ser sujeito, além da mulher lidar com o Outro em sua dimensão pulsional de vida e de morte. Pôde-se, portanto, frente ao enigma do desejo, escrever-se as seguintes questões: o que fazer diante dos imperativos maternos? Quais destinos eu encontro para dar contorno àquilo que recebi das insígnias maternas?

Assim, pudemos constatar que a relação com a mãe se caracterizava por excessos e o peso de suas falas reverberavam no corpo da paciente que se apresentava sem contornos próprios. A mulher tentava alcançar o que o Outro materno pensava e desejava: “ela vai querer que eu aborte”, “ela acha que eu faço para afrontar”, acendendo um alerta para a complexidade da onipotência materna e seus efeitos na subjetividade da filha. Frente a isso, a partir das indagações que, por ora surgiram, delimitou-se o caminho seguido na dissertação. O trágico se impôs na medida em que indagávamos a razão dos excessos de uma mãe, ocupando o lugar de um Outro absoluto, prevalecendo nas suas falas o gozo, a tomar a filha como objeto dejetivo.

A partir daí, não nos autorizando, por questões éticas, a trabalhar efetivamente com o caso clínico, dele apenas aludindo fragmentos que situaram de onde partiu a questão de pesquisa, escolhemos a história de uma personagem para desenvolver uma reflexão possível sobre a devastação e seus efeitos trágicos, levando em consideração a singularidade que se inscreve para a mulher e as saídas encontradas, problematizando o gozo que desponha para uma estrutura particular da relação mãe e filha em destaque na obra.

Ao nos valermos dos fragmentos do caso clínico e mantendo o interesse pela pesquisa, fomos surpreendidas com a história da personagem Gypsy Rose na série americana “The Act”.

Pudemos refletir e avançar sobre o tema do trágico, pelo viés do gozo, acolhendo os principais pontos de conflito entre uma mãe e sua filha, que nos apontaram a pertinência de seguir no rastro de nossas inquietações clínicas acerca da devastação. Tais pontos foram norteadores na escrita que se seguiu, ancorada nos recortes da série, de uma análise ficcional da personagem, que nos apresentou um modo singular de se desvincular da mãe, com desfechos trágicos a partir dos destinos trilhados, analisados e observados nos excessos que apresentava a figura materna.

Por ora, é sobre a existência de um gozo avassalador que invade o corpo da mulher que seguiremos argumentando sobre a existência do trágico na devastação, lembrando e situando-nos naquilo que Freud já havia advertido sobre a mulher, de que não existe destino certo quando se trata do feminino. A dissertação, portanto, teve como objetivo geral discutir sobre a devastação e seus destinos trágicos para uma mulher na relação entre mãe e filha. Os objetivos específicos foram: problematizar a relação mãe e filha a partir do desdobramento da sexualidade materna em relação ao desejo e ao gozo; discutir sobre a devastação em suas especificidades na relação com o Outro materno; discorrer sobre o trágico, a partir dos efeitos da devastação na vida de uma mulher, baseando-nos na análise da personagem Gypsy Rose, da série americana “The Act”. Os efeitos da devastação e os destinos trágicos para a mulher constituíram, então, o nosso objeto de pesquisa, na medida em que mulheres vivenciam a devastação cada uma a seu modo. Conforme veremos, a relação com a mãe se impõe à filha, sinalizando o modo como se relacionará futuramente com o Outro para além da devastação.

Tomando como corpo teórico proposições freudianas e lacanianas, acerca da feminilidade, do gozo, do desejo, da devastação, da relação mãe e filha, entre o sujeito e o Outro, foi possível discutir sobre a mulher e seus desfechos trágicos, quando do comparecimento de um gozo que invade o ser da mulher. Diante de tais reflexões, os capítulos foram desenvolvidos do seguinte modo: no capítulo 2, abordamos o caso clínico na pesquisa com a psicanálise para tomar a série “The Act” em sua estrutura de ficção, realçando a devastação entre mãe e filha e seus efeitos para a mulher frente à psicose materna. No capítulo 3, seguimos com o tema do desejo materno em seus enlaces com a subjetividade da filha, além de discutir os entraves da sexualidade feminina para fundamentar a lógica mãe e filha, no âmbito do amor e do ódio, a partir de Freud e Lacan.

No capítulo 4, abordamos o trágico e o sujeito trágico para a Psicanálise, na tentativa de subsidiar o que destacamos, na relação mãe e filha, em termos de destinos trágicos da devastação ressaltando a noção de ato, que nos lançou à história de Antígona. A noção do trágico contribuiu para uma reflexão sobre os diferentes destinos que uma mulher inventa ao se ver implicada com o Outro, precisando demarcar um lugar próprio nas nuances da devastação.

Por fim, desenvolvemos pensamentos e articulações, propícios e necessários sobre a mulher e os efeitos na sua subjetividade, atravessados pela leitura da relação mãe e filha, problematizando os destinos que cada uma arquitetará, perpassada pela devastação com a mãe.

2 A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA EM PSICANÁLISE

A partir do objetivo geral desse estudo nos propomos a realizar uma pesquisa em psicanálise. Podemos inferir a construção de uma nova narrativa, em relação a outra obra, a partir do que pinçamos do caso clínico. Sabemos que a pesquisa em psicanálise envolve sempre a relação do pesquisador com a transferência. A transferência entre o sujeito e aquele que pesquisa se dá na medida em que se supõe um saber àquele que escutou.

Diante dessa suposição de saber, que é facultada ao pesquisador, a construção de uma nova narrativa decorrerá das surpresas com as quais se deparará fazendo-o avançar no desejo de conhecer mais e mais sobre o objeto. Nesse sentido, será necessário reconhecer em si mesmo uma certa ignorância pelo desejo de tudo saber sobre o objeto, levando o pesquisador a uma posição teórica que seja flexível. É preciso, a partir da transferência e da ignorância de quem pesquisa, sustentar sua posição de proximidade e afastamento do objeto, mantendo-se um certo equilíbrio entre essas partes, sobretudo, que vise integrar “[...] remanejamentos teóricos profundos e significativos que, por sua vez, abalam a segurança narcisista do pesquisador e lhe impõem momentos dolorosos e desestruturantes” (Figueiredo, 2002, p. 132).

Segundo o autor, para a pesquisa existir, é necessário manter essa distância entre o pesquisador e o objeto e que isto a faça transcorrer bem e se desenvolver. Apesar dela, a transferência e o ponto de inquietação fazem o pesquisador questionar o próprio saber e o próprio fazer. Além disso, é preciso manter intacto em si o “desejo de conhecer” mais o objeto mantendo a ignorância também preservada. Nisso, repousaria o lugar da clínica psicanalítica que entraria com uma posição de “[...] criar espaços psíquicos para as experiências afetivas mais desconcertantes, como as que envolvem perda, espanto, decepção e dor” (Figueiredo, 2002, p. 132). Sem a experiência da perda, afirma, não haveria sentido para a pesquisa.

O objeto é sempre o que, na sua complexidade, multideterminação e polivalência, resiste a se deixar pensar, a se deixar controlar de uma forma completa e cabal. Isso é imprescindível para que a atividade de pesquisa seja deflagrada e se sustente. A pesquisa é movida pelo desconhecido, *impulsionada e atraída* pelo desconhecido. (Figueiredo, 2002, p. 130)

A clínica psicanalítica trabalha em função de pinçar os significantes da história do sujeito contada e reescrita por cada um. O recolhimento desses significantes nos sugere a singularidade do caso em sua própria dinâmica, a do trabalho do inconsciente. Apoiamo-nos na lógica do inconsciente, proposta por Freud, em seu mais puro dinamismo e contradição, sem

nos preocuparmos com uma posição teórica determinante e rígida por parte do analista-pesquisador.

De acordo com Ana Cristina Figueiredo (2004) a “construção do caso” segue a linha desse raciocínio freudiano. Nos moldes dessa concepção, a autora salienta que, no sentido de construir o caso, precisamos fazer um arranjo de seus elementos no discurso do sujeito, na história que se enreda para ele. Tornar o caso algo “construído” é torná-lo compartilhável e partilhável em sua singularidade, pela existência de seus elementos enredados em uma história que se diferencia de uma outra. Nesse sentido, seria a pesquisa psicanalítica um método que recorre ao recolhimento de elementos determinando a conduta do analista-pesquisador, alçando tais elementos à categoria de significantes que “caem” do sujeito à medida que tocam o real.

Temos, por base, pela via da pesquisa em psicanálise, a produção de um saber do sujeito. Segundo Ana Cristina Figueiredo (2004), o “caso” não é o sujeito e temos a função de recolher os seus significantes primordiais, à medida em que os escutamos, para construir algo que se tornou paradigmático no caso, inferindo sua posição subjetiva no discurso da enunciação e não mais dos seus enunciados. O discurso do sujeito entregará seus elementos fundamentais e, através dele, a posição do pesquisador será a de entrelaçar sua função, a do sujeito e a do analista, rompendo com qualquer fixidez teórico-clínica, diante do saber que é próprio do sujeito do inconsciente. A partir da narrativa do sujeito, dos elementos que caem do seu discurso, uma nova narrativa, em sua dimensão ficcional, é construída pelo pesquisador. Eis que a narrativa é criada e recontada pelo pesquisador que se implica na lógica do inconsciente e suas determinações.

Diante dessas afirmações, pretendemos, no próximo tópico, apresentar a história de Gypsy Rose na série americana “The Act”, fruto da análise que fizemos a partir da lógica do recolhimento de seu significante “doente” que perpassou toda a sua história, baseando-nos na pesquisa em psicanálise, inspirados na lógica da construção de caso clínico, marcando a diferença entre o sujeito e o caso. A narrativa construída, inspirada na construção do caso clínico, permitirá, como veremos a seguir, analisar a série que foi eleita como o material clínico de pesquisa, na medida em que pudemos ler e acompanhar o enlace fusional entre uma mãe e sua filha frágil e doente.

A análise da relação entre mãe e filha, com seus destinos trágicos, trouxe-nos elementos que nos apontaram a existência de um gozo materno, que invadiu o corpo da filha e determinou uma existência possível e singular para Gypsy, personagem da série.

2.1 “The Act” e o lugar da mulher na devastação

O trabalho de escuta clínica do caso de uma mulher nos ajudou, como vimos, a compreender os caminhos que uma filha percorreu com a mãe e as soluções que encontrou para dar contorno ao que a singularizou na devastação materna. As questões sobre a relação do corpo com o desejo materno nos puseram a trabalhar, especialmente, no que os significantes “usufruir” e “corpo” pareciam insistir no discurso da paciente, apontando para um algo a mais, a relação do corpo feminino com o gozo da mãe.

Neste momento, faremos uma passagem para a narrativa ficcional da série americana “The Act”, eleita no *a posteriori* da construção do caso clínico, como material clínico desta pesquisa. No decorrer do capítulo, discorreremos sobre a história de Gypsy Rose, uma menina que se rebela com a figura materna na estreita relação de devastação com uma mãe psicótica. Será inspirando-nos na lógica psicanalítica, acerca da construção do caso clínico, que seguiremos na construção narrativa da personagem, partindo do que se fez tropeço quando nos deparamos com sua história, no que restou como causa e desejo de escrever, permitindo-nos que seguíssemos no rastro dos efeitos trágicos da devastação do Outro, que perpassou toda a trama de Gypsy Rose com a mãe.

O que nos surpreendeu, na série, correspondeu aos excessos de uma mãe psicótica, permitindo que a leitura que fizemos da intensidade materna sobre o corpo doente da filha nos fizesse avançar na problematização do gozo, que escapava à relação entre elas, àquilo que se sobressaía na figura da mãe/mulher, posicionada de modo distinto da filha. A mãe de Gypsy era uma figura absoluta, que se constituía fora do campo do desejo.

Pondo em relevo os discursos das personagens, um significante se destacou nos discursos emaranhados entre elas e pudemos, à luz da psicanálise, construir uma narrativa que levasse em consideração os desdobramentos da relação da filha com o significante atribuído a si mesma por sua mãe, o significante “doente”. Enfatizamos, neste momento, a importância da construção do caso clínico na transferência com um analista, como um dos meios de se fazer pesquisa em psicanálise e a construção narrativa de uma obra, pautada nos moldes psicanalíticos da construção de casos clínicos.

A análise da série mereceu que fizéssemos uma ressalva acerca do lugar de Gypsy, como objeto de gozo do Outro, ainda que se trate de uma obra, ou seja, que não se refira, especificamente, da clínica propriamente dita. Neste caso, retiramos e reiteramos a noção psicanalítica de recolhimento de significantes, rastreando os discursos das personagens e fazendo uma análise da história singular de Gypsy Rose. Com isso, guiando-nos por tal

pensamento, elegemos a sua história e recolhemos o seu significante “doente”, traçando um percurso de trabalho que nos manteve no rastro de mais inquietações teóricas e clínicas.

Ressaltamos que mais reflexões podem ser construídas acerca da devastação e do trágico, pontuando, devidamente, os efeitos e os destinos que tal realidade pode vir a ocasionar para a mulher. Antes de partirmos para a análise da série, abordaremos sobre o que é o caso clínico, para darmos respaldo à construção teórica e discursiva que faremos sobre a devastação e seus efeitos na história da personagem Gypsy Rose, guiando-nos pela noção de gozo, termo concebido por Lacan em seu ensino nos anos de 1970.

2.2 O que é o caso?

A construção de um caso é um meio de se realizar pesquisa em psicanálise, no que a pesquisa psicanalítica se serve daquilo que faz ressonância no *a posteriori* da escuta analítica, naquilo que impulsiona o analista a indagar sobre o lugar do sujeito frente aos impasses com o desejo do Outro, que se dá em outro tempo, o da construção e análise propriamente dita do caso.

Sobre o caso, Figueiredo (2004) afirma que ele não é o sujeito e o termo *caso* tem uma particularidade etimológica, que em latim significa “cair”. A autora argumenta que, ao colher os significantes primordiais do sujeito, aqueles que “caem” do seu discurso, eles nos permitem construí-lo e, seria, no âmbito da clínica, que colheríamos tais significantes “[...] não ao pé do leito, mas ao pé da letra” (Figueiredo, 2004, p. 79). A partir disso, a autora defende que, na condição de localizar o sujeito no discurso, através dos elementos colhidos, tem-se abertura para inferir a sua posição subjetiva e, assim, construir o caso clínico. Enfatiza que, ao destacar os elementos de base da experiência clínica, estamos na condição de tornar o caso transmissível e socialmente compartilhado.

Reiteramos, assim, que o tema da pesquisa, do qual o caso clínico foi o ponto de partida, é a devastação entre mãe e filha, tendo sido a série “The Act” eleita no *a posteriori*, através da qual pudemos sustentar a ideia de se trabalhar na construção fictícia de uma personagem, seguindo os moldes psicanalíticos da construção de casos clínicos. Os autores Marsillac, Bloss e Matiazzi (2019) comentam que o espaço físico do consultório não determina o desejo do psicanalista pela pesquisa, que se torna clínica pela ética do sujeito, que avança para qualquer atividade em que o analista esteja engajado, portanto, libidinalmente investido. Assim, os autores afirmam que: “[...] quando dizemos que uma pesquisa é clínica, não estamos nos referindo ao espaço físico do consultório, mas de uma ética do sujeito que se desloca para qualquer atividade do psicanalista” (Marsillac; Bloss; Matiazzi, 2019, p. 793). Temos em

destaque, seguindo essa concepção, a experiência de tornar uma obra transmissível e compartilhável.

De acordo com Nasio (2001), o caso é tomado em sua estrutura de ficção. A posição do clínico é a de escrever um texto, a partir do encontro com o sujeito e seu relato. A vivência do clínico é rememorada pelo viés condutor do desejo que esteve presente na experiência e a relançou em sua lembrança. Nesse sentido, a análise da história de Gypsy Rose terá seu estilo narrativo percorrido durante este capítulo. Não tomamos a série como caso clínico, mas construímos sua narrativa pautada na proposição da construção de caso clínico, em termos do aparecimento de uma relação mãe e filha considerada extrema, sem descolamento de corpos, à medida em que o corpo da filha era tomado exclusivamente como objeto de gozo materno. A série “The Act” retrata a relação abusiva entre Dee Dee Blanchard e sua filha Gypsy Rose. Destacou-se dessa relação o corpo frágil e doente da filha, que mantinha uma relação insustentável com o gozo do Outro. Pudemos destacá-la como material clínico de pesquisa movidas por algo da figura materna que nos intrigava, o que nos dava indícios de um excesso que as ultrapassava, na indiferenciação dos seus corpos e das suas subjetividades, corpos ligados um ao outro e ambos bastante doentes.

As cenas que compõem a obra instigam uma série de questões sobre a devastação e seus efeitos para a mulher, o lugar do gozo e os destinos trágicos para a filha, circunscrevendo um campo fértil de reflexão sobre a devastação levada às suas últimas consequências. Apoiando-nos na história de Gypsy Rose, esbarramos na necessidade de pinçar elementos que caracterizassem um possível sujeito ali presente, recolhendo um significante que não deslizava para ela, significante que a subordinava ao gozo do Outro, submetida a um domínio materno extremamente excessivo, para além da realidade social. Presa ao significante “doente”, Gypsy permanece em uma cadeira de rodas a maior parte do tempo e da vida. Nesse sentido, iniciamos apresentando Gypsy como uma menina submissa, fixada no gozo do Outro, a partir do que se delineou da história materna. Capturamos, a partir da análise da sua vida, uma história singular, naquilo que a mãe, a partir de seus sintomas, incidia no corpo e na existência da filha.

A proximidade com os ditos de Dee Dee proferidos à filha, em relação às doenças que Gypsy não possuía, desdobraram-se em questões sobre a devastação e o “mais além” evidenciado na fusão materna. Na abordagem sobre a devastação, avançamos sobre as ideias de gozo verificadas em Dee Dee Blanchard, que esbarrou em situações com a filha escapando ao seu controle originário. Dee Dee acreditava possuir uma autonomia sobre a vida de Gypsy, ao mantê-la presa em uma cadeira de rodas, ao dar os seus banhos diários, ao dormirem no mesmo quarto e na mesma cama, entre diversas outras situações.

Os aspectos centrais da relação operaram singularmente em *Gypsy*, apontando para a existência de uma filha que se “revoltou” contra o Outro materno, encontrando, um tempo depois, uma saída singular para o que se desdobrou entre elas. Nas situações entre mãe e filha, a devastação já se instaurava na relação. Ao fazer de usufruto sua filha submetida, forçada a pertencer a esse universo, a mãe a devastou, trazendo consigo a marca de um gozo que se inscreveu sobre o corpo desse outro ser, que não lhe pertence. A discussão que se segue enfatiza o gozo sem limites de uma mãe louca, naquilo que escapou ao que não pôde ser inscrito e simbolizado por e para ela.

Tomando por base os elementos que pudemos recolher na trama, privilegiando as posições de mãe e filha, seguiremos atentos ao que se revelou da trajetória, ressaltando o lugar da mãe e do que fez a filha com sua própria história. Os destinos que foram enredados nos convocaram a resgatar os fios que constituem o enlace estrutural mãe e filha, evidenciando o modo como a subjetividade materna de Dee Dee pôde constituir em termos dos efeitos nefastos para a filha.

2.3 Gypsy Rose e os efeitos trágicos da devastação

O caso de *Gypsy Rose* nos tocou, particularmente, por considerarmos que, nas investidas maternas, eram-lhes transmitidas insígnias que não sofriam nenhuma espécie de barreira entre ela e sua mãe. *Gypsy* é a protagonista da série “*The Act*” e nela vemos se delinear a figura de uma mãe que vive exclusivamente com sua única filha, determinando, a seu modo, desde o nascimento de *Gypsy*, a fragilidade do seu corpo, infantil, doente e dependente da mãe. Um diálogo que recolhemos em uma das cenas nos aponta para a perspectiva de uma mãe onipotente, soberana, invasiva, imersa na sua própria subjetividade, que enclausura e se apossa do ser da filha. A mãe, Dee Dee Blanchard é uma mãe psicótica, que, a nosso ver, responde desse lugar. Ela diz sobre *Gypsy* e sua fragilidade física e psíquica: “É apenas uma criança, é como se tivesse sete anos”.

Interrogamos, sobretudo, a existência desse poder materno que inflige à filha um saber totalizante sobre o seu corpo. Conforme veremos, a série se orienta pelos dilemas que mãe e filha enfrentam entre si, com destaque para a posição da mãe, disposta a “socorrer” a filha sempre que algo ameaça a sua integridade, uma vez que *Gypsy* tem muitas doenças e está em uma dependência absoluta do Outro. Ocorre que as investidas maternas portam a marca de um gozo que revela corpos indiferenciados entre si. É com esta questão que apresentamos Dee Dee

como uma mãe psicótica que, no lugar do Outro, impõe a Gypsy a condição de ser objeto de seu gozo em uma fusão amorosa que apaga qualquer rastro de inscrição do desejo.

Segundo as leis de Dee Dee, a filha é uma menina frágil, refém de seus cuidados excessivos. A noção de excesso surge em função de que Gypsy Rose tenta se desvencilhar dos ordenamentos desse Outro, por exemplo: “vai ser uma menina boazinha agora”, apresentando um corpo retalhado, cujo significante “doente” não desliza simbolicamente, preso na realidade materna, tendo Gypsy sustentado a existência de muitas doenças, da infância até a sua vida adulta. Cercada por ações maternas, que a revestem de infantilidade, as vestes com que o Outro lhe cobre escondem seu verdadeiro “corpo (ser)” de mulher. Ambas estão afastadas da realidade social, sendo raras as ocasiões em que se permitem ir a um evento social.

A indefinição de quem são, para além da fusão pré-existente que as enclausuram e as condenam a um modo exclusivo de viver, mantém intacta a recusa materna de afastar-se do corpo de Gypsy. Dee Dee, por apresentar-se como uma mãe psicótica, opera mantendo com a filha uma simbiose. Em função disso, nota-se que, na fusão amorosa, Gypsy vai nutrindo um ódio cada vez mais silencioso pela mãe, retida como objeto do usufruto alheio, de um Outro estranho que a invade por discursos de alienação. Vale salientar que a história enganchada de mãe e filha abriu uma discussão sobre o gozo na relação mãe e filha, que se tornou paradigmático em razão da submissão da personagem para além dos caprichos maternos.

Capturada no delírio da mãe, Gypsy está às voltas com uma angústia avassaladora de se ver livre de uma mãe toda. Há entre elas muito envolvimento corporal, sobretudo, determinando a posição subjetiva de cada uma na versão do gozo invasivo do Outro. Um dito em especial qualifica essa relação. Dee Dee sempre retoma uma fala dirigida a Gypsy, vinculadas em um amor fusional: “Você me ama, eu amo você”. Com essa fala, Dee Dee determina uma não separação entre ela e sua filha, capaz de manter fixa a relação incapacitante e sustentando o delírio de serem uma só, de apenas conseguirem viver a partir do corpo doente de Gypsy. Ambas seguem alguns rituais estabelecidos por Dee Dee e, nos cuidados dispensados ao corpo “frágil” da filha, continuam não se diferenciando entre si.

Apesar da exclusividade entre elas, mãe e filha estão inseridas no meio social, que lhes reservam experiências com uma realidade, exigindo-lhes cada vez mais uma participação efetiva na comunidade em que vivem. Ocorre que, duas mulheres vizinhas, também mãe e filha, com quem passam a ter contatos mais frequentes, provocam na mãe e em Gypsy sentimentos ambíguos, de insegurança, de angústia e de curiosidades sobre a sexualidade feminina, que perpassam a subjetividade de cada uma de modo distinto, sinalizando pequenos afastamentos de Gypsy em relação à mãe e sutis ameaças de separação do corpo da filha do corpo materno.

Alguns escapes vão acontecendo e Gypsy, nada frágil, vai sinalizando para a mãe, a partir de algumas decisões, por exemplo, ir ao cinema, conversar com a vizinha sobre namoros, contrariando o modo da mãe funcionar, em razão de ter sido submetida, empurrada para o campo do real, do gozo do Outro. Um escape de Gypsy para atestar essa condição de tentar se desvencilhar do Outro é quando deseja se maquiar. A vizinha Lacey faz uma visita à amiga e tenta, de modo sutil, compartilhar seus interesses pela feminilidade. Gypsy vai despertando para as questões do feminino e tenta, através da amiga, alcançar respostas para o que emerge de seu corpo.

Vemos transcorrer na trama, o modo como Gypsy vai se desvencilhando desse destino, a de não ser conduzida pelo Outro. Os cuidados extensivos da mãe, sobretudo com relação às doenças, manipulavam o corpo de Gypsy. Com isso, sinalizamos que Dee Dee não deixava que os devidos cuidados com Gypsy escapassem ao seu controle, nem dava espaço para que a filha desejasse para além daquela relação extremamente invasiva e intrusiva.

É possível resgatar a ideia de que Dee Dee Blanchard, nas tentativas de manter Gypsy enclausurada, seja em uma cadeira de rodas ou em casa vendo filmes da Disney, sem sair para seus encontros amorosos e com a amiga Lacey, encontra uma maneira de manter-se ligada à sua posição diante da filha, objeto de seu gozo. A marca pulsional do gozo de Dee Dee se inscreve, fazendo do corpo da filha um objeto para se gozar, deixando restos de real sem significação simbólica para o sujeito, comparecendo no corpo de Gypsy por uma via trágica, através das doenças, sinalizadas em sua infantilidade e corpo frágil.

Tal ideia corresponde ao que Lacan problematizou no seminário 5 sobre a mãe que devora o filho como objeto, algo que pode lhe ser retirado, privada de seu complemento. A angústia, nessa ocasião, comparece, como vemos em Dee Dee Blanchard, que sai correndo atrás da filha em uma cena em que vai até a casa de um homem escondida, ao sair de um evento social. A mãe de Gypsy, de um lugar absoluto, impôs-se como lei absoluta e determinou sua função real, deixando marcas de gozo no corpo e na vida da filha.

Apesar do que Lacan nos traz nesta citação e no seminário 5, não alcançamos na série os primeiros ditos de Dee Dee Blanchard sobre Gypsy Rose, mas capturamos discursos que legiferam e sentenciam a filha, no que concerne, principalmente, a uma cena que se repete em vários episódios subsequentes. Os rituais da mãe de raspar os cabelos de Gypsy nos seus banhos diários não dá espaço para que os cabelos da filha cresçam, garantindo na mãe a segurança de que a saúde da filha não vai bem. A posição de Dee Dee Blanchard, na relação com a filha, corresponde a de uma mãe que se sobrepõe ao lugar de mulher. Quando Gypsy a interpela sobre

o que se daria caso seus cabelos crescessem, Dee Dee sentencia: “Seriam um ninho de rato como o meu”.

Este ponto nos remete a Lacan (1998) no texto “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina”, ressaltando o que o autor comenta de “toda corrente do instinto materno” (Lacan, 1998, p.739), que avança sobre o objeto, na lógica de que nem tudo na mãe está drenado pelo falo, há sempre um resto que não drena a insaciabilidade do Outro, que avança para o corpo do sujeito. Esta noção da corrente de um instinto materno nos ajuda a esclarecer o que ocorria com a mãe de Gypsy, ancorando-nos nos seus ditos e ações impressas ao corpo da filha, inaugurando uma relação e imprimindo uma pulsionalidade que não estava barrada pelo significante fálico, encarnado no nome do pai, fazendo-a avançar sobre o corpo da filha no registro do seu gozo. Assim, a posição materna revelou um real que operou fora de uma lei anterior, que não estava representado no registro da sexualidade materna, indo além do gozo fálico. Dee Dee Blanchard cria, a partir dos seus delírios, um entorno angustiante de não separação do corpo da filha, tratando-se do seu lugar, enquanto um sujeito acometido pela psicose. A cena dos cabelos raspados de Gypsy fazem-nos supor a inexistência de uma lei que opere na mãe, de modo que isso atesta a invasão incessante do gozo sobre o corpo da menina. Em cena alguma, vemos os cabelos da personagem crescerem, ela usa perucas de princesa, veste-se de personagens da Disney, confirmando seu lugar no delírio da mãe, indicando-nos um transbordamento do gozo a decretar o corpo de Gypsy como doente e frágil.

Para sustentarmos a ideia de que a mãe Dee Dee sentencia o corpo da filha, recorremos a Zalcberg (2019, p. 67), que argumenta que o Outro materno porta a marca de seu poder: “[...] suas demandas são vividas como mandamentos, seus desejos representam desígnios e suas respostas constituem regulamentos. É a sua lei que impera, sem limite, sobre a existência da criança”. Há indícios de que não há limites na mãe que ensejem uma realidade “apaziguadora” para Gypsy, que vivencia com o Outro uma profunda invasão do ser. Dee Dee manipula o corpo de Gypsy, ao mantê-la prisioneira em uma cadeira de rodas, insistindo na manutenção desse domínio. Dee Dee, ao dizer a Gypsy: “cuidamos uma da outra não é”? “você me protege e eu protejo você”, revela-se uma mãe sem freios, garantindo para si uma relação na qual a filha permaneça aprisionada a ela, uma prisioneira de si, cumprindo seus ordenamentos e que se institua como uma lei imperiosa que ordena o laço que manterão entre elas.

À medida que se dá conta dos excessos da mãe, Gypsy começa a perceber que pode andar e sair da cadeira de rodas, passando, em algumas ocasiões vistas na série, a contestar a mãe acerca das doenças que não possui. Gypsy frequenta médicos e hospitais, sob os olhares cuidadosos do Outro; porém, quando começa a confrontar os regulamentos impostos pela mãe,

algo escapa da relação e a mãe sinaliza a sua própria fragilidade, dizendo a Gypsy, em uma cena: “vai ser uma menina boazinha agora”? angustiada por não dar conta de conter a própria filha em seus domínios, em seus delírios.

As tentativas de Gypsy de se “descolar” da mãe começam a se delinear em algumas situações, como: comendo o que não deveria (açúcar, doces e tomar Coca-Cola); fugindo de um evento social para conversar com um homem desconhecido, pelo qual se interessa; relacionando-se com a vizinha Lacey, para conversar sobre encontros amorosos e falar sobre os homens, buscando na amiga uma referência na feminilidade; criando uma conta no *Facebook*, onde conhece seu namorado e, com ele, tem sua primeira relação sexual no banheiro, quando vão ao cinema juntos. No cinema, Gypsy sai da cena do filme e vai até o encontro com o namorado, sem que a mãe se dê conta de suas investidas. Nessas ocasiões, nada interdita a mãe, ao tentar recuperar, na captura da filha, aquilo que escapou ao seu controle.

Até aqui, ficamos intrigados pela ausência de um terceiro na relação entre mãe e filha. Não aparece um pai nas cenas, nenhum homem que barre a relação entre elas, apenas uma ligação direta e exclusiva entre as duas mulheres, que vão juntas aos médicos, ao *shopping*, aos encontros e eventos sociais. Entretanto, consideramos que, além das ocasiões citadas acima, uma médica, ao sinalizar que Gypsy tem condições de comer normalmente ao invés de se alimentar por uma sonda que a mãe coloca em seu corpo, configura um surgimento sutil, da entrada de um “terceiro”, quebrando a unidade dessa díade, imagem que sustenta a manutenção do corpo doente de Gypsy.

Nos testemunhos do corpo frágil da filha, constatamos a mãe que Dee Dee foi para a personagem: aquela que arrasa com qualquer tentativa de Gypsy de se levantar da cadeira de rodas, de ir até a casa da vizinha Lacey para se abrir para a feminilidade, de comer comidas normais, fazendo-a voltar-se, inúmeras vezes, para uma realidade aprisionante, como atestamos em uma das cenas em que é “acorrentada” na cama em que dormem juntas, inseparáveis uma da outra. Submetida e tomada como objeto do Outro, vemos surgir movimentos de reviravolta na personagem, que responde de um lugar ambivalente, de amor e ódio pela mãe. O lugar da ambivalência é estrutural para o sujeito; porém, diante da instabilidade materna, Gypsy reage ao amor e ao ódio que nutre pela mãe.

As “pequenas transgressões” de Gypsy seguem em curso e, nelas, consideramos a possibilidade de uma tentativa de descolamento do corpo materno, por exemplo, na cena dos seus dentes estragados, na qual a médica que a examina estranha que Gypsy tenha chegado ao hospital em tais condições, sendo obrigada a arrancá-los, o que a tornaria refém novamente desse Outro, que não dá contorno nenhum ao corpo da filha. Gypsy enfrenta tal realidade e

comparece na cena com a boca totalmente “banguela”, acentuando o caráter real da invasão do gozo, de um Outro sem lei. Ao constatar que Gypsy a enganou, Dee Dee pune a filha, olha-a fixamente, parece agir como exigindo um silêncio de Gypsy, coagida, agindo contra as tentativas da filha de se libertar daquilo, daquele horror.

Alguns encontros amorosos com o namorado vão acontecendo, uma festa de aniversário, uma tentativa de ir ao cinema com a amiga Lacey etc. No entanto, vemos as tentativas da personagem fracassarem, sofrendo com as interferências do Outro que a engole, devora, que a impede de conseguir realizar o que vem planejando para se afastar, definitivamente, desse modo de gozar da mãe. Gypsy se interessa por rapazes e tenta, em uma conversa com um homem mais velho, desvencilhar-se da mãe, saindo com ela de um evento social. Logo, é “resgatada” por Dee Dee na casa desse sujeito, dizendo a ele que Gypsy é apenas uma criança e não uma mulher, aos gritos e aos prantos. Do mesmo modo que Gypsy se interessa pelo seu corpo, marcando uma diferença do Outro, a mãe também foi investida por um homem durante tal evento social, interessando-se por ela, mas que evitou, recuou, resistiu à sua entrada, não se permitindo tal investimento, talvez pela presença ameaçadora de um terceiro na relação com Gypsy. Já a filha sai em busca de se desgarrar e, à medida que se dá conta da falta de limites da mãe, vai escapando dos seus olhares e da vigilância incessante do Outro materno.

A cada cena, vemos uma mulher transitar entre posições de submissão ao Outro, de uma não escolha subjetiva e se subordinar às leis maternas. Nessa perspectiva, Almeida (2014) problematiza a diferença entre corresponder aos caprichos maternos e se insubordinar a eles, em uma posição necessária de separação do Outro, que ocorre pelo encontro com a linguagem, no campo do simbólico, que vem validar a existência de uma lei. O sujeito, atormentado e ameaçado pela perda do amor do Outro, pode ser ultrapassado na relação e se tornar refém da mãe, consentindo em ocupar o lugar de objeto que sutura essa mãe em sua função mortificadora. Na devastação, pelo enigma que em si evoca, não se trata de simbolização, mas de uma não localização do gozo, que escapa e desponta para o campo do real, manifestado no corpo da mulher. No caso de Gypsy, a sua posição nos parece ser a de objeto fetiche da mãe,

A isso Lacan aproxima do que ele chama de lei da mãe. Uma lei não controlada que está toda ela no sujeito que a sustenta, no bem-querer ou mal-querer da boa ou má mãe. O supereu materno articula-se ao que se chama dependência, que é ameaçada pela perda do amor em função da não realização dos caprichos da mãe – o que ultrapassa a relação com a necessidade de seus cuidados. (Almeida, 2014, p. 58)

Gypsy é violentamente atravessada pelo saber que a mãe supõe deter sobre a sua existência, determinando o que a filha pode e não pode fazer com ela mesma. A inscrição do

significante “doente” permanece ligada ao corpo e à sua sexualidade, na dependência do Outro, na vinculação ao ódio, na sua subordinação ao gozo mais além, além da paralisação de Gypsy diante das exigências maternas.

Conforme mencionamos, Dee Dee é uma mãe que não está barrada pelo significante fálico, não conseguindo e nem consentindo em se diferenciar da filha. O gozo materno invade, de forma avassaladora, a vida de Gypsy, retalhando-a, sem uma constituição corporal efetiva e sem distinção do corpo materno. Acreditamos que se delineia uma mãe que usufrui sem medidas do corpo do outro, respondendo ao que conseguiu sustentar frente aos seus delírios, defendendo-se de uma possível separação de seu objeto, a gozar sem medidas da filha nessa posição. Aproximando-se da vizinha, Gypsy atrapalha a relação que mantém com a mãe. Consequentemente, uma visita em especial marca um corte mais preciso entre elas. Gypsy diz: “garotas usam maquiagem, mãe”, ao que a mãe lhe retruca: “você não é como as outras”, impossibilitando a filha de se apossar de uma singularidade, vinculada ao lugar de objeto e não de sujeito, que não estivesse toda vinculada ao real do seu corpo. Aos olhos da mãe, é apenas uma criança e nunca uma mulher. A mãe esbraveja aos outros, médicos, desconhecidos, terceiros, amigos, que vão sinalizando sutilmente a entrada de alguém, que a filha é lenta, uma criança, em nada se parece com uma jovem, mulher e independente.

Essa forma de Dee Dee incidir sobre o corpo de Gypsy nos remete ao que Bassols (2017) comenta sobre os limites no campo do feminino. Para ele, “[...] já não se trata do limite como uma barreira, um obstáculo, um impedimento, mas sim como um empuxo ao infinito” (Bassols, 2017, p. 3). É um empuxo no qual o empurrado não cessa de não chegar a esse limite tão interno como externo. A título de exemplo, o ato de se maquiar, observado em Gypsy Rose, representaria uma tentativa de imprimir um corte, uma diferença, criar uma barreira que incida sobre o gozo irrepresentável da mãe.

[...] a relação exclusiva da criança com a mãe não se trataria de uma lei materna – no sentido de que a lei viabiliza o desejo e a emersão do sujeito – mas de um assujeitamento da criança às exigências de uma mãe caprichosa. Apesar de em muitos momentos esse movimento coincidir com exigências da sociabilização, ele não almeja mais do que a satisfação desmedida de um gozo. (Almeida, 2014, p. 59)

As condições de exigência de uma mãe sem lei, que age conforme as vontades que expressam o imperativo de seu gozo, apontam, a nosso ver, para uma devastação extrema com a filha. Esta mãe, como Gypsy diz, está sempre “com um olho meio aberto” sobre ela, uma mãe que captura o seu objeto. Em uma determinada cena, na qual é repreendida e acorrentada na

cama, Gypsy não encontra saídas para escapar dos atos abusivos desse Outro, permanecendo no lugar de submissão e obediência.

No auge das imposições maternas, interrogamos o desafio da personagem de se desgarrar de uma mãe invasiva que, aos poucos, revela-se mais tirana e imperativa. O gozo, na verdade, interpôs-se entre mãe e filha, sinalizando uma permanência de Gypsy no lugar de objeto de gozo do Outro, do qual também usufruiu. Ambas estão implicadas nas amarras de um gozo que invade, que escapa ao controle da relação, ao entorno e à capacidade de encontrarem alternativas para barrar o deslizamento ininterrupto desse gozo sem limites. Sinalizamos, a partir de uma fala materna, uma manifestação do gozo, quando estão juntas e sempre dizem uma à outra: “Eu sou o seu anjo”, para o qual não se revela uma distinção entre elas e nem uma definição de quem são para além dessa fusão. Neste caso, parece se tratar de algo “[...] relacionado à vivência de um gozo intrusivo e devastador atribuído ao Outro, vivido como absoluto, tal como ocorre nas psicoses. Resta nele a aniquilação do sujeito” (Mello; Souza, 2021, p. 751-752).

Em decorrência da insistência de um gozo ilimitado, Gypsy vai nutrindo um desejo de matar a mãe, em uma parceria amorosa com seu novo namorado. Um afeto “adormecido” vai se atualizando na medida em que vemos Dee Dee torturar a filha dizendo: “vai ser uma menina boazinha agora”? remontando-nos a algo do insuportável, que insiste em reescrever a trajetória de Gypsy, o intolerável, o que resta sem nome a partir do que se inscreveu para ela do gozo do Outro.

Observamos e realçamos as falas de Dee Dee como uma extensão de sua onipotência, mas também de sua dependência: “nasci para ser mãe dela”, “tenho que fazer tudo por ela”, “ela é meu tudo”. Esse “meu tudo” expressa a relação com um único objeto, aquilo que é parte de Dee Dee, que sustentou uma realidade possível face à psicose. Gypsy recorre a algumas saídas para fazer avançar a relação com o namorado e fazer existir uma diferença entre o seu corpo e o da mãe, definindo entre elas um ponto de basta. A vertente do gozo louco e tirano da apontou para a não inscrição da lei simbólica, à medida que não esteve barrada de gozar de seu objeto. É nesse sentido que o simbólico leva o sujeito na direção de limitar o gozo, de drená-lo. Em contraponto a isso, e aos poucos, Gypsy avança na relação com o namorado, passando a investir na separação real da loucura materna. Para o namorado, Gypsy comenta: “Eu não preciso de uma cadeira de rodas, ela me faz ficar nela. Por muito tempo achei que precisava, e ela diz que se eu andar vou ficar mais doente. Eu acreditei nela, mas sei que ela inventou tudo. Tenho seguido com isso e enganado muitas pessoas. Estou presa”.

Aqui, Gypsy assume para o namorado que permaneceu na relação abusiva com a mãe, porém elucida que sabe que ela inventou, sem, no entanto, saber por que permaneceu nesse lugar. Para assumir que precisava se “descolar” da mãe, Gypsy declara ao namorado sua angústia. O seu corpo, como evidência de algo que está se desenhando para ela, surgiu como palco das inscrições do gozo, mas um corpo que se “revoltou” contra o Outro, principalmente, quando se relacionou sexualmente com o namorado, dando-se conta de que era uma mulher e não mais uma criança. Fato é que Gypsy investiu em planos com o namorado, escondida da mãe, única maneira que encontrou de realizar uma interdição real desse Outro.

Gypsy carregou uma história paralisada no tempo. Nas tentativas de romper o vínculo com o gozo materno, ainda encontramos as tentativas de Dee Dee de manter a filha prisioneira de si no discurso que a enclausurou desde sempre: “você me ama, eu amo você”. Na devastação entre elas, portanto, assumimos que “[...] há na mãe, ao lado do desejo, um gozo feminino desconhecido que faz enigma para o sujeito, e a devastação, da qual Lacan fala, diz respeito ao sujeito feminino confrontado ao gozo feminino da mãe” (Drummond, 2011, p. 10). Assumindo que uma filha pode ocupar um lugar de objeto de satisfação real para a mãe, para além das necessidades de cuidados dispensados por ela, o que constatamos é que, para além da função materna caracterizada como erotizante, “[...] a submissão a esses cuidados é sentida não apenas como satisfação, mas também como risco de um excesso” (Silveira, 2008, p. 27).

Foi de um modo sacrificial que esta mãe fez face ao lugar de gozo, de fazer de um objeto, o corpo da filha, sua única fonte do gozar. Sua filha era sua exclusividade. Desse modo, era preciso que, ao significante “doente” operasse um outro significante, revelando toda sua potência de separação da filha, para que, na relação entre elas, incidisse a lei, o desejo, o furo, a castração representada na figura que encarna a lei, em decorrência de sua inscrição no Outro, barrando o gozo mortificador. Dee Dee sempre buscou um reconhecimento de sua função materna e sinalizou, a partir de suas ações, que uma mãe pode tudo. Por muito tempo, pôde avançar sobre o corpo da filha, determiná-lo, manipulá-lo, gerenciando um corpo “apêndice” dela mesma.

Entretanto, as saídas encontradas por Gypsy, sobretudo como alguém que lutou contra a mãe, foi ao lado de um namorado, quando pede a ele que mate sua mãe, relatando que não teria coragem de fazer por si mesma. A única saída encontrada pela personagem foi esta, mandar matar a mãe para poder existir, demarcando um limite que se impôs no campo do real, necessário para que a relação abusiva, que já existia com o Outro, pudesse se desfazer, para do Outro poder se descompletar e seguir adiante. Gypsy criou seu próprio destino ao lado de um terceiro, que tornou possível o fim cruel e trágico da mãe.

No fim da série, o namorado comete o ato que Gypsy afirma não ter condições de realizar: “Ela nunca vai permitir que fiquemos juntos”. Ele diz: “Então, a escolha foi dela e Gypsy assume: Será... um ato de bondade”. Ao que apela ao Outro: “Victor, você mataria minha mãe para mim? Porque eu não posso fazer isso”. Consideramos que o ato marca a passagem de Gypsy para uma vida fora da cena da díade: mãe-filha, não mais submissa a uma cadeira de rodas, incluindo possibilidades, ainda que trágicas, de uma separação do corpo materno. Gypsy e o namorado se refugiam em outro lugar, escondendo-se da polícia. Falam em construir algo juntos, mas acabam sendo encontrados por policiais e o desfecho final é a prisão da dupla, no mesmo dia em que ocorreu o ato.

A morte da mãe foi retratada de forma dolorosa na série, no que concerniu aos destinos que mãe e filha empreenderam para si mesmas, no tocante à experiência da devastação na articulação com o gozo e com o real. Enquanto vivência trágica, tal desfecho abriu uma reflexão para algo que marcou o percurso de Gypsy, sinalizando o modo como as especificidades da sexualidade da filha, submissa à sexualidade da mãe, enredava uma subjetividade intrincada com a figura materna.

A partir da narrativa de Gypsy e das inquietações que se manifestaram, o próximo capítulo foi pensado no sentido de problematizar o desejo materno e o gozo nos enlaces da mãe com uma filha. A discussão em torno da mulher, na série, reacendeu novas discussões sobre o desejo em sua relação com o gozo do Outro, abrindo caminhos para pensarmos, à luz da trama da série, os caminhos que cada mulher irá circunscrever para si mesma, engendrando uma subjetividade na construção de saídas possíveis para a vivência da devastação com a mãe. Seguiremos, abordando o tema do desejo na relação mãe e filha, problematizando-o como enigma, distinguindo-se, pelo que vimos da série, de uma relação mãe e filha na qual uma mãe se apresenta toda, total, poderosa e absoluta, que não cedia espaço para fazer do desejo um enigma a ser decifrado.

A partir das noções destacadas sobre o desejo e o gozo, lançar-nos-emos no estudo do desejo materno para cernir tal experiência. Abarcando o tema da relação mãe e filha, seguimos, compreendendo os destinos que mães e filhas constroem entre si, para amarrar uma história singular que esbarra nas questões do gozo feminino e o escancara a partir da relação da filha com a mãe.

3 DESEJO MATERNO E SUA RELAÇÃO COM O OUTRO

O desejo materno é um enigma para todo sujeito neurótico. Conforme temos visto, o enlace mãe e filha não tem destino certo para a mulher. As mulheres reinventam suas relações a partir do que deixaram em aberto com suas mães. A questão do desejo se apresenta, neste capítulo, como o ponto-chave para discutirmos os enlaces da filha, na voracidade do desejo materno, que designa a particularidade, na devastação da mulher, mais próxima do gozo do Outro. A filha, na relação com sua mãe, recebe as insígnias maternas e se reveste de uma sexualidade que encontra, no investimento libidinal da mãe no corpo da menina, suas primeiras marcas e inscrições. Temos a teoria freudiana endossando a sexualidade feminina como construção, como invenção, para dar um destino àquilo que não tem nome, efeito da relação mãe e filha que antecede o Édipo feminino.

A história da personagem Gypsy Rose nos revelou uma intensa ligação da filha com a mãe, na vertente de um gozo avassalador, lugar no qual se opera, como afirma a teoria lacaniana, o significante fálico, dividindo a mãe em “mãe” e “mulher”. Para toda mulher, é o que se passa, de certo modo, frente à existência da maternidade. Retomando Gypsy, sabemos que ela se “congelou” ao significante doente, que não fez ligação a um outro significante para que ascendesse como sujeito, filha subordinada ao gozo do Outro, circunscrevendo um destino sentenciado pela figura materna e sua estrutura psíquica. A partir da leitura da trajetória de Gypsy, e tendo em vista que algo da singularidade da mãe atravessou minha escuta, trago, para discussão, o tema do desejo materno; através dele, questionando seu caráter enigmático para uma filha, contudo, não inscrito para Gypsy, denotando que não houve, a partir de um funcionamento materno.

De acordo com a teoria lacaniana, faz sentido afirmar que a criança questiona o desejo do Outro e depende que, na mãe, a mulher compareça, para que se dê, simbolicamente, um destino ao imaginário do seu corpo, ao eixo especular mãe-filho, com a mãe barrada pelo significante fálico, que se introduz como um terceiro elemento, privando a mãe de se satisfazer com o filho no lugar de objeto. Nesse sentido, a avidez, a fúria e a estranheza, que reconhecemos nos cuidados excessivos que Dee Dee Blanchard dispensou à filha, fez-nos repensar o lugar do desejo materno na relação entre elas, indagando-nos sobre os efeitos da falta de uma operação simbólica na mãe que deixou restos de real, impressos no corpo da filha.

Na trama, Gypsy foi levada pela mãe a ocupar um lugar de objeto. A partir disso, abordaremos a perspectiva do desejo materno e o que dele podemos inferir, a partir da

compreensão dos efeitos trágicos da devastação, perante aquilo que se desdobrou na filha, no tocante ao que se manifestou de real no corpo, não mediado pelo simbólico.

3.1 A relação do desejo materno com o falo

Lacan (1995), em seu Seminário, livro 4: a relação de objeto, apresenta-nos o desejo materno na perspectiva da divisão da mãe enquanto mulher. A mãe, segundo suas palavras, compreende a função da onipotência, segundo a qual gira em torno o falo como significante causa do seu desejo. Freud (2021), a princípio, aborda a mãe como onipotente, esse ser para o qual a menina se liga, obstinadamente, almejando com a mãe alcançar um lugar no desejo.

Na perspectiva da mãe insaciável, insatisfeita em sua falta fálica como mulher, ela busca, através disso, o que devorar, marcando a presença de uma “[...] boca escancarada” (Lacan, 1995, p. 199) para o sujeito, no nível do imaginário, já que ela não encontra objetos para devorar na realidade. Para Lacan (1995, p. 199), “[...] o furo aberto da cabeça da Medusa é uma figura devoradora que a criança encontra como saída possível em sua busca da satisfação da mãe”. Sobretudo, o temor de ser devorado pelo Outro encontra suas ressonâncias na função materna avassaladora, com uma mãe que esbarra na dificuldade de desvincular o filho do falo, objeto causa de seu desejo. No imaginário materno, trata-se de manter a criança em uma relação dual, de totalidade dos seus corpos, para fazer ligação com a ideia da perda, da impossibilidade de uma separação do filho.

Esta é a etapa em que a criança se engaja na dialética intersubjetiva do engodo! Para satisfazer o que não pode ser satisfeito, a saber, esse desejo da mãe que, em seu fundamento, é insaciável, a criança, por qualquer caminho que siga, engaja-se na via de se fazer a si mesma de objeto enganador. Este desejo que não pode ser saciado, trata-se de enganá-lo. Precisamente na medida em que mostra a sua mãe aquilo que não é, constrói-se todo o percurso em torno do qual o eu assume sua estabilidade. (Lacan, 1995, p. 198)

A relação do desejo materno com o falo nos convoca a pensar o lugar de uma filha na dialética do desejo e do gozo materno. É interessante que Lacan contextualiza o sentido de como a criança realiza “[...] mais ou menos conscientemente que sua mãe onipotente tem falta” (Lacan, 1995, p. 196), e como, no caso da menina, trata-se de um desejo de saber por qual meio a mãe lhe dará o objeto faltante, ainda que nela mesma tal objeto sempre falte, como signo da ausência do órgão fálico masculino. Para tratar mais especificamente do desejo materno, na perspectiva de Freud (2021), em seu texto “Sexualidade feminina”, uma resposta possível seria pelo viés da maternidade. A relação do falo com o desejo feminino, nos termos freudianos, está

na singularidade da mulher, que substitui o desejo de pênis pelo desejo de um filho, em uma equivalência simbólica que desliza para o desejo de suprimir uma falta fálica.

Pela via simbólica, compreende-se que a criança assumiria o lugar de tamponar a falta fálica materna. A posição do filho, sobretudo, seria a de estar comprometido em satisfazer o desejo de completude materna, de ser o falo que responderia ao que falta à mãe, designando sua relação primordial com o furo. Contudo, como ressalta Benhaim (2007), a entrada da função paterna delimita o campo da relação da criança com a mãe, no sentido de que aí reside a função de privar, interditar e frustrar a ambos, e “por outro lado naquilo que ela induz de um deslocamento do objeto “[...] dito fálico” (Benhaim, 2007, p. 39). Segue-se, por essa via, na tentativa de desvincular o filho do objeto fálico, no sentido de que um não equivale ao outro.

Uma distinção, na posição sexual da mãe, auxilia a criança a se separar do corpo materno, consistindo na perda, no reconhecimento da castração que engendra a falta. Para a autora, a mãe que se ocupa de outras coisas, caso ela saia da cena, pressupõe que o filho, então, não a preencheria. Além do mais, o pai, que entra na relação, privaria a criança de possuir a mãe, restituindo um desejo que está alhures, com uma mãe que se encontra satisfeita, em parte, e destina a ambos a submissão à falta. A falta engendra uma relação necessária das mulheres com a castração e a criança fica submetida a ela, assim como a mãe. Há uma oposição em relação à completude com o Outro, esperada, inicialmente, pela criança, que quer preencher o lugar de objeto do desejo materno, mas que participa da ação, sendo interdita pelo nome-do-pai. Retomando Lacan, no seminário, livro 4: “a relação de objeto”, o autor apresenta o laço da criança com a mãe e com o falo, ou seja, a criança nunca está sozinha com a mãe, posto que, em parte, almeja-se que um terceiro intervenha e opere metaforizando o desejo materno, para que a criança se desloque para outro lugar.

Trata-se, portanto, do desejo da mãe apontando para o falo e não diretamente para a criança, compondo uma rede de não exclusividade com o filho. O lugar da criança, na tríade imaginária, indica-nos que a satisfação de uma mãe em relação ao falo é parcial, pela impossibilidade de um filho vir a tamponar completamente sua falta fálica. Considerando tal colocação, uma das condições da menina se conduzir na relação com a mãe, pela vertente da falta, seria a de se lançar no jogo especular, buscando tamponar a falta da mãe. Na sexualidade feminina e no tempo pré-edípico com a mãe, a menina se vê privada de pênis e imagina que mãe e filha estão em falta, bem como todas as outras mulheres. Nesse sentido, a castração materna é uma constante fonte de interrogação sobre o feminino e uma indefinição do lugar da menina como mulher, já que as ressonâncias do feminino seguem cursos diferentes e a incidência da castração caminha para os sabores que recobrem o ser de cada mulher.

É no texto “Sexualidade feminina” que Freud (2021) afirma que entre mãe e filha preexistem sentimentos ambíguos, pautados na existência de um forte vínculo amoroso, no qual uma ligação erótica, com o corpo sexual da mãe, acaba desaguando em uma catástrofe. O termo “catástrofe” designa o que Freud conseguiu depurar sobre a mulher, um ser “insondável”, não respondendo à sua formulação enigmática: “o que é ser uma mulher”, permanecendo como um enigma a ser repensado, reconfigurado, ponto de opacidade, indecifrável e oculto.

Para dar conta do “indecifrável”, Freud vai dizer que a menina precisa entrar no édipo, dirigindo-se ao pai, identificada ao falo imaginário naquele que supõe que tem, afirmando que algo dali se inscreverá para a filha, mas que só se desdobrará na medida em que voltarmos nossa atenção para o que primeiro se originou com a mãe. Os restos da relação com a mãe operam, a princípio, como efeitos no psiquismo da menina, relançando a filha na apropriação de um corpo constituído *a priori* com o corpo materno, baseado na lógica da castração, da *penisneid*, da marca de uma cicatriz feminina, tendo como operador fundamental o falo.

Boa parte dessa constatação leva a menina a silenciar sentimentos relativos à mãe, que a reprime em sua sexualidade e a faz abandonar, durante sua fase fálica, suas atividades sexuais mais primitivas, tão importantes para a constituição de uma feminilidade. O amor narcísico, antes sustentado na relação de identificação com a mãe, decai para a menina pela comparação com o sexo oposto e, por essa razão, a menina se sente inferior, atingida pela castração que a antecede. Compreende-se, sobretudo, que a menina se constitui na sexualidade materna, carregando suas recriminações e proibições quanto à sua própria masturbação, dando um destino à sua sexualidade frente à castração materna.

Retomando a relação do desejo materno com o falo, como resquício do que se opera na mulher, em função da interdição paterna, ele é um desejo que prevalece na voracidade do Outro, tornando-se mortífero em algumas ocasiões, quando não se opera a metáfora da lei paterna, que impediria o devoramento da criança pelo gozo materno. Lacan (1992), no Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, aborda a mãe com suas nuances de devoração, uma grande boca de crocodilo que quer devorar o ser a todo custo, acreditando que este objeto, o filho, pode preenchê-la, e, uma vez tendo o colocado no mundo, visa recobrir-se e satisfazer-se inteiramente com ele. Essa questão dá voz ao lugar da mãe toda, uma vertente devastadora que exige uma complementação com o objeto da falta, falhando a operação paterna como uma lei bem-sucedida em relação ao desejo materno. Aqui, temos um modo de a devastação se manifestar pelo viés fálico, mantendo em alerta a questão da particularidade da relação mãe e filha, como vimos na série, para além da devastação, para além do viés fálico.

Nas bordas do enlace mãe-filho-falo, é fundamental esclarecer que a criança precisa, do ponto de vista estrutural, inserir-se no campo do Outro para poder se conduzir na diferenciação de si e do falo. A mãe, ampliando seu olhar para outros objetos, traz consigo a marca do falo como significante que inscreve em seu ser a falta e aponta para o que deseja, e que este desejo não se limite ao objeto-filho. A relação da marca da cicatriz em seu corpo, com o objeto faltante, sinaliza para a mulher a incidência da castração e o desejo a operar em seu psiquismo, buscando outros objetos com os quais gozar.

É fundamental que com a incidência da lei materna, anterior à lei paterna, a intervenção sobre a tríade, a metaforização do desejo equivalha a um afastamento da criança do Outro, passando pelo Édipo, sem equivaler ao produto, ao falo como objeto. Faz-se objeto primeiro para o Outro, em seu modo estruturante como sujeito para, depois dessa condição de objeto único, poder sair. Um filho nunca equivalerá ao falo, na medida em que nada sutura a falta materna. Soler (2005) vai reafirmar Lacan, quanto ao que este autor define sobre o desejo materno ser limitado, parcial, que se realiza em parte com o filho, caso a mãe se coloque como não-toda para a criança.

Foi por isso que Lacan enfatizou o desejo da mãe. Este deve ser entendido como o desejo da mulher na mãe, desejo adequado para limitar a paixão materna, para torná-la não toda mãe, ou, em outras palavras, não-toda para seu filho e até não-toda para a série de filhos, os rivais frateros [...] A mãe não é toda para seu filho porque sua aspiração fálica divide-se entre o homem e o filho, e é bom que seja assim, porque é o desejo da mulher, mais geralmente um desejo outro mantido fora das gratificações da maternidade, que introduz a criança, por meio da angústia de castração, numa dialética de identificações contraditórias pela qual ela poderá soltar-se da posição passiva de objeto da mãe e, no fim, assumir seu próprio sexo. (Soler, 2005, p. 95)

A afirmação de Lacan sobre a mãe “não-toda” nos ajuda a refletir sobre o que, na devastação entre mãe e filha, não parece operar em termos de separação. O lugar que Lacan (2008a) dá ao termo gozo, como bem o descreve no seu seminário, livro 20: “Mais, ainda”, merece ser problematizado neste momento. Vimos que, no transcorrer da série, uma filha ocupou o lugar de objeto de gozo da mãe, que se fez toda para a menina. Insistindo em manter-se no lugar de portadora de uma verdade absoluta, Dee Dee não abriu brecha para o furo da castração, o que argumentamos como o desejo materno não se fazendo enigma para a filha e nem impedindo que uma paixão avassaladora avançasse sobre o corpo de Gypsy. A mãe não encontrou limites simbólicos e sua aspiração fálica não a dividiu, entre mulher e mãe, mantendo-se fixa na posição da toda, absoluta para a filha.

Compreendemos que, na ausência de um terceiro que barrasse o gozo devorador de uma mãe em fúria, estiveram implicadas mãe e filha em um modo particular de uma se submeter à outra. A devastação, como efeito ou incidência de um retorno do real, contrasta com a ascensão da menina como mulher, refém das insígnias maternas. A particularidade da devastação nos deu diretrizes para pensarmos o quão levada ao extremo pode se tornar uma relação mãe e filha, com escapes pela via do real.

A personagem, fora do tempo em que seria necessário soltar-se da mãe, encontra-se submetida a um lugar que atualiza o tempo em que uma criança primeiro teria que estar assujeitada aos caprichos do Outro, aquele que cuida, que investe libidinalmente o serzinho, mas que se faz falta, que se ausenta e deixa de responder ou ter respostas sobre tudo que lhe acontece. Na falta de recursos psíquicos limitadores para dar conta do que a invadiu, Gypsy se submeteu aos caprichos da mãe, para além dos cuidados básicos e fundamentais para poder sobreviver. Ainda que estivesse implicada na série mãe/filho/falo, as saídas que se deram incorreram numa devastação entre elas.

Lacan (1999) refere-se ao tempo no qual seria fundamental se inscrever para a criança uma articulação simbólica do desejo, o *x* para o qual ela ocuparia ou não um lugar de objeto para a mãe, relativo ao desejo materno que a própria criança interroga e ao qual quer responder. A angústia da criança se dá perante o não apaziguamento dessa voracidade, que, na figura do pai como representante da lei, residiria a possibilidade de uma intervenção, tornando apta a criança a elaborar a perda do seu lugar de objeto de satisfação da mãe.

É necessário que a mãe se estabeleça para a criança como um ser que pode ou não estar presente. A partir dessa combinatória presença/ausência, de suas aparições e desaparecimentos, é que se instala no campo da criança um *x*, uma pergunta sobre o que satisfaz essa mãe além dela. E é para isso que vai apontar o desejo da criança. Seu desejo não é pela mãe, mas pelo desejo do desejo da mãe. (Bessa, 2012, p. 62)

A inscrição da criança no desejo materno é um tempo necessário para uma filha poder ascender como mulher. Nas tramas articuladas entre mãe e filha, supomos ser fundamental que a menina se implique em relação ao *x* do desejo da mãe. Tal circunstância permite que o desejo se faça enigma para ela, a partir da introdução da criança na dialética das aparições e desaparecimentos do Outro, que instala para si a condição de desejar para além do filho. O *x* da mãe equivale ao enigma do seu desejo e aponta, principalmente, para a separação da criança do lugar de objeto de gozo materno, articulado nas artimanhas de um desejo no qual o Outro encontra-se dividido e não inteiro para a criança. Relembrando Gypsy Rose e seu lugar de objeto de satisfação da mãe, trago Lacan (1999), no seminário, livro 5: as formações do

inconsciente, para salientar a diferença que ele faz entre os dois polos: desejo e gozo. O autor ressalta que a alienação do desejo, no significante, pode significar para o sujeito uma capacidade de “[...] se apropriar das condições que lhe são impostas em seu mundo, como se essas condições fossem feitas para ele, e de se satisfazer com elas” (Lacan, 1999, p. 262).

Entendemos que, na polaridade entre desejo e gozo, Gypsy se inscreveu em uma relação dual, na qual também obteve suas satisfações, nos moldes do gozo, ainda que o desejo não tenha se apresentado como enigma. Para avançarmos na compreensão da diferença entre desejo e gozo, é importante salientar que se trata precisamente de saber “[...] se essa criança foi levada ou não a se tornar o que responde a esse desejo, se foi desejada ou não” (Bessa, 2012, p. 62).

A relação da criança com o tempo da separação prepara o caminho para que se metaforize o x da mãe e aceda a uma posição no sexo. O campo do desejo materno aponta para a injunção de dois afetos: o amor e o ódio, pensando o tempo da menina com a mãe, pois, afinal, “o que quer minha mãe?” parece não ter existido como uma questão que enodou Gypsy ao gozo materno e não ao desejo. Para, então, não sucumbir ao silêncio da pulsão de morte, Gypsy Rose, em uma parceria amorosa, fez ligações com a pulsão de vida, escapando com suas saídas de casa, encontrando sua amiga Lacey, indo ao cinema com o namorado, tomando Coca-Cola, entre outras situações, das amarras da mãe, sem deixar de reavivar o que se desdobrou com o Outro materno. É interessante relembra que, nas situações de invasão que vivia, como na cena de estar amarrada na cama, Gypsy recorda sempre do enlace que tem com o Outro e da dificuldade de se desvincular disso.

Retomando Freud e em paralelo às questões da constituição sexual feminina em Gypsy, desligada da mãe, corroboramos com o que Freud deduziu das diferentes modalidades de direções que a menina dá à sua sexualidade e vida amorosa, para além do afrouxamento da ligação afetiva que vivenciou e continua a vivenciar com o Outro, originando o ódio, que sinalizamos como um ponto de virada na história da mulher e de suas constituições sexuais trágicas. No caso de uma descrição mais geral do amor e do ódio, o ódio parece persistir como um destino que a criança sinaliza na mãe: “[...] ora, a mãe odeia a criança por ter introduzido algo de condicional no amor, por não ter podido fazê-la escapar a seu destino: o da castração” (Benhaim, 2007, p. 55).

A relação das mulheres com a castração evidencia a possibilidade de ambas manterem-se ligadas à problemática da reivindicação, do ciúme, da inveja, com a filha sinalizando a ferida narcísica da mãe, engendrando um ódio característico entre elas, que se atualiza nos discursos ressentidos de hostilidade da filha em relação à falta fálica materna. Através da compreensão da tríade imaginária, a filha, na composição mãe-filho-falo, busca se orientar pelo desejo de

saber para onde aponta o desejo materno e, assim, dar um destino a si mesma como mulher, dando contorno às insígnias recebidas do Outro. Nota-se que a mãe, nestas circunstâncias, exerce um poder crucial na relação que mantém com o desejo e com a sua própria castração.

Para Eulálio (2018, p. 37), “[...] nos dois modos básicos de responder à própria falta e à da mãe, ambos de inspiração viril, Freud localiza a permanência de um resto do amor pela mãe idealmente fálica”. A relação com a marca do narcisismo potencializa o sentimento de inferioridade na menina e, segundo a própria Eulálio, mais sólido será o amor destinado à mãe se a filha se der conta de que não pode satisfazê-la. A intensidade dos afetos amor e ódio nos aproxima do que Lacan (1995) descreve no seminário, livro 4: A relação de objeto, quando ele questiona: “[...] em que momento a criança pode, em certa medida, sentir-se despossuída ela mesma de algo que exige da mãe, percebendo que não é ela quem é amada, mas uma certa imagem?” (Lacan, 1995, p. 72).

Para o autor, a relação da mãe com o falo, que se distingue do lugar da criança, dá-se pela noção de que a ela lhe falta o órgão, tornando-se, sobretudo, um ser desejante e, além do mais, “[...] afetada em sua potência” (Lacan, 1995, p. 72). Para o sujeito, Lacan afirma isso torna-se decisivo, uma vez que a mãe ama a imagem fálica que a criança representa para ela, ou seja, a mãe mantém o desejo vinculado ao filho, está ele mesmo no lugar daquele que preenche o buraco do Outro, a sua falta fálica imaginária. A mãe ama o filho, que pode preenchê-la. No entanto, em um segundo tempo dessa relação, opera-se um outro lugar para o filho. É necessário que a mãe o coloque no lugar de quem não pode preenchê-la. Olhar para fora e desejar outros substitutos fálicos para a criança é um tempo fundamental para surgir a mulher que existe na mãe, que mascara sua falta fálica através do lugar que dá ao filho-falo.

Na realidade, é na medida em que a criança é inserida na tríade imaginária, simbolizada, que ela entra na lógica do que é o falo para uma mãe. Isto quer dizer que, de algum modo, a criança responde, em parte, ao que o falo significaria para a mãe, tanto na situação imaginária quanto na real. Assim, surge a diferença entre falo e filho. O falo entrará como significante da falta fálica materna. Enquanto significante, ele mediará a relação da mãe com a criança, que precisará desejar mais além do filho. A partir disso, temos que retomar o lugar de uma filha, supondo uma existência possível sustentada nas bases de tal concepção, reafirmando que, para a menina, preexiste uma relação materna arraigada nos ditos primeiros do Outro que, como dito anteriormente, legiferam, traçando um caminho de constituição sexual feminina, frente à qual, espera-se que a mãe esteja referida à lógica “não toda mãe”.

Segal (2013) argumenta que, no registro dos dois sexos, preexiste uma captura materna do filho, na qual se engendra o desejo da criança de ser desejada pela mãe, seja a criança menino

seja menina. No entanto, a autora argumenta que, pelas sutilezas da feminilidade na mulher, a menina parece ser mais sensível ao desejo do Outro, situando-se de modo intenso e complicado para ser significado, dificultando que se libere do enlace resultante da captura materna.

O desejo da mãe, como desejo do Outro, captura a criança dos dois sexos, no sentido de que o que ela deseja é ser desejada. Entretanto, como consequência do peculiar elo entre mãe e filha, e do caráter incompleto, ou extraviado do Édipo na mulher, ela parece mais sensível a esse desejo. (Segal, 2013, p. 60)

O desejo materno, como vimos, sem o interdito da lei, manter-se-á insaciável, posto que sem lei, sem freios e sem destino certo. A simbolização do desejo é um tempo necessário e fundamental para que os corpos de mãe e filha se diferenciem entre si. É comum, inclusive, surgirem tons raivosos sobre a mãe, como aponta Soler (2005, p. 98): “[...] que é que não se diz dela? Imperiosa, obscena, possessiva, ou, ao contrário, indiferente, fria e mortal, demasiadamente isto ou aquilo, atenta ou distraída demais, quer sature, quer prive, quer se preocupe, quer negligencie, tanto por suas recusas quanto por suas dádivas [...]”.

Para a autora, a mãe está sempre presente no inconsciente do sujeito e se evidencia nos comentários da filha sobre sua imagem registrada como voz, como potência da palavra transmitida. Recorre à afirmação do processo de separação para enfatizar que o amor da mãe não media o corte, mas a divisão dela a partir do objeto que causa o seu desejo. Indo além, para Lacan (1995), a criança precisa dividir a mãe para que compareça nela uma mulher desejante. Do mesmo modo, Soler (2005) apresenta tal divergência entre mãe e mulher, sinalizando que a divergência se introduz na mãe “[...] em quem a falta fálica está em seu lugar de causa de desejo” (Soler, 2005, p. 100).

Sobretudo, se a mãe está se constituindo como mãe, é fundamental a entrada do terceiro. No seminário, livro 5: “as formações do inconsciente”, Lacan (1999) contextualiza a metáfora trazendo o pai como aquele que intervém no campo do Outro, regulando o desejo da mãe, para que esta não incorra em uma avalanche de gozo, caso o falo não se posicione como significado “[...] a que esse desejo está referido” (Bessa, 2012, p. 64). Nesse sentido, o pai, presente no complexo de Édipo, tem seu caráter normatizador, que, antes de qualquer coisa, interdita primeiro a mãe. Aqui, o pai se liga à lei da proibição do incesto, retirando o filho do lugar de objeto primordial do Outro materno. Ainda assim, Lacan sublinha que a função do pai está para além desses termos e descreve que o seu lugar está representado nos efeitos que causa no inconsciente da mãe. A mãe, encarregada de lidar com a própria castração, implica-se ou não na lei que ele veicula.

Na realidade, Lacan (1999) aborda a metáfora paterna nos termos do complexo de Édipo, do lugar que opera como significante. Como metáfora, o pai é um significante que surge no lugar de outro significante. É isto: “[...] o pai vem no lugar da mãe” (Lacan, 1999, p. 180), significando o desejo e o x com o qual ela se relaciona, que é o falo. Há algo que atravessa a mãe e a deixa desejosa de outra coisa. Recorrendo à metáfora do rolo de pedra para destacar a função da mãe com seu desejo voraz, Lacan (1992) ressalta que se o nome-do-pai não operar, o filho se equivalerá ao falo, o que não impedirá que a boca furiosa do Outro se feche completamente com o filho dentro.

Nesse contexto, o significante fálico precisaria entrar como um interditor, impedindo a criança de ser devorada e de ter que responder do lugar da completude materna, uma vez que “[...] a operação que coloca o significante do pai no lugar do significante da mãe tem por resultado especificar a falta materna como falta fálica e instituir o pai como parceiro fora da série” (Soler, 2005, p. 95). Caso contrário, se o pai vier a serviço do capricho materno, não operará privando a mãe de seu desejo tirano, transcorrendo entre uma mãe e sua filha, por exemplo, uma devastação. O falo, neste caso, para não se incorrer em uma devastação, precisaria agir em nome de “salvar” a criança, atuando como um mediador entre ela e a mãe.

No caso da série, consideramos que, entre Gypsy e Dee Dee Blanchard, a metáfora paterna não operou, pois não houve incidência da lei sobre o desejo. A personagem Gypsy se tornou uma refém fálica de uma mãe totalmente ocupada com as questões da fragilidade da filha. Aqui, esbarramos em uma mãe que se apresentou inteiramente mãe, sem abertura para o seu ser de mulher, caminhando para um apagamento do seu ser e uma vida trágica. A vivência trágica da devastação tornou-se uma experiência traumática para Gypsy Rose. Seria, então, pertinente pensar que houve uma incidência materna de um gozo mortífero sobre a vida da filha? A mãe, destinando Gypsy ao lugar de doente, usufruía de seu corpo, parecendo querer eternizá-la em uma vida infantil, colada ao corpo da filha. Gypsy lhe dava respostas, escapes, idas e vindas, retornava ao lugar de filha submissa, paralisada em uma cadeira de rodas, lugar que já conhecia.

Com estas questões em suspenso, pretendemos seguir refletindo sobre o que norteia o campo da relação mãe e filha, debatendo as especificidades da sexualidade feminina e suas nuances no tempo pré-edípico da menina com a mãe. Das possíveis discussões que se seguirão, retiraremos concepções que nos ajudarão a pensar, mais para frente, na devastação e seus efeitos trágicos na vida sexual da mulher. A ambivalência da mãe problematizou o acesso da filha ao desejo, no sentido de que um gozo que a invadia pôde capturá-la e impedir que a filha acesse

um desejo próprio. Nesta perspectiva, surgiu um impedimento materno de que a filha viesse a assumir uma relação singular com o próprio desejo.

No próximo tópico, abordaremos o amor e o ódio entre mãe e filha, para avançarmos na compreensão da constituição sexual feminina atravessada pela ambivalência materna.

3.2 Os entraves da sexualidade feminina: amor e ódio na relação mãe e filha

Encontramos as bases teórico-clínicas a respeito da sexualidade feminina em inúmeros textos freudianos. Freud analisou a sexualidade feminina pelo viés da *penisneid*, como já sinalizamos anteriormente. A relação da menina com o falo se orienta pela constatação da presença do órgão masculino, o pênis, naquilo que se vê da anatomia do outro sexo, fundada na imagem do corpo do seu semelhante. Naquilo que se antevê do outro sexo, a menina se frustra e apreende o que acontece com o corpo da mãe, aproximando-se da realidade daquilo que lhe escapa, a dificuldade de simbolização do seu próprio sexo.

Nas camadas de seu desenvolvimento sexual, a menina precisa aceitar a castração, reagindo contra um investimento libidinal na mãe, atravessando sentimentos de ambivalência e retornando à relação anterior com a figura materna. Aqui, o alcance de Freud sobre o sexo feminino, a respeito da diferença anatômica entre os sexos, dá-se pela via da constatação da castração materna, que é o ápice de sua emergência como mulher, no entanto, “[...] ponto de estofo que ele se recusa a ultrapassar” (Brousse, 2019, p. 13). Na lógica proposta por Freud da ausência do órgão masculino na menina, o que se evidencia é que, sob o fundo da ausência, funda-se um desejo propriamente feminino de restituição daquilo que faltaria à mulher.

A partir de então, a relação da menina com a mãe se baseia na dialética do dom, do dom de amor. Bessa (2012) argumenta que a discussão em torno do falo acompanha a trajetória feminina em torno do irrepresentável da mulher. Para a autora, o que pode ser dito sobre a mulher está nas relações com seus substitutos fálicos, erigidos como dons a serem articulados à falta fálica feminina.

É justo porque no campo simbólico A mulher está excluída que a menina se introduz na dialética do dom. Através do dom, uma série de coisas pode ser dada como substituto simbólico da falta fálica, mas isso não faz com que A mulher tenha um símbolo que a represente no campo do Outro. No seio da sexualidade feminina, há um irrepresentável. (Bessa, 2012, p. 57)

De acordo com Freud (2021), tudo se desenrola para a mulher pelo viés do imaginário do ter o pênis, o qual, na verdade, pela existência posterior do falo, como significante, este não

contemplaria tudo que diz respeito à sexualidade feminina. Observa-se que é na medida em que não tem o pênis, antes mesmo de se dar conta de que à mãe também lhe falta, que a menina se identifica à mãe, acreditando que ela lhe dará aquilo que não possui. Freud vai sinalizando que, a partir da castração materna, a menina admitirá para si mesma que é tão faltosa quanto a mãe e a culpabilizará por isso.

Segundo ele, ela abandonará a mãe como objeto de amor e se encaminhará para o pai, identificada com o detentor do falo. Inicialmente, a menina se reveste de uma ligação amorosa com a mãe, antes de cair invejosa do pênis. Como em um primeiro momento age, conforme o menino, ativamente, dirigindo-se para a figura materna, quando se evidencia no Outro a castração, abandona a mãe como objeto e cessa de se satisfazer falicamente, ligada ao seu corpo próprio. O caminho para a feminilidade se segue, desse modo, no abandono da figura materna e na mudança de zona erógena, uma vez que a mãe potencializa o corpo da filha, excitando-o nos primeiros cuidados afetivos, mas recrimina os atos sexuais com os quais a menina se liga mais para frente, fonte de prazer e satisfação autoerótica. O direcionamento para a feminilidade, portanto, está em voltar-se para o pai, exigindo-lhe o falo, substituto do pênis, o que pode ser obtido, em uma equivalência simbólica, no desejo de ter um filho, de dar um filho ao pai.

Teorizando sobre o feminino, Lacan (2003) desenvolve, no texto “O Aturdido”, a noção de que a menina, face ao golpe da castração materna e a posterior saída da relação com o pai, que também não lhe deu o que desejava, permanece esperando mais consistência da mãe do que dele, aspirando a um ser de mulher. Ele defende que entre mãe e filha restaria algo a ser restituído no corpo feminino, a fim de tamponar alguma coisa que sinaliza, na verdade, um furo, indicando que a lógica do feminino não se liga inteiramente ao próprio corpo, mas aponta para um desejo de ser, não só de ter o falo. O contexto da castração nos permite que nos mantenhamos em alerta para a escuta do tempo pré-edípico da menina com a mãe, figura central na teoria de Freud, que parece insistir na menina como uma fixação, mantendo-se emaranhada na relação mãe e filha, quase que em uma extensão de corpos.

No texto “A feminilidade”, Freud (2021) discorre sobre as disposições sexuais e amorosas que a menina dispensa à sua mãe. Ambas estão tão intensamente interligadas, que se torna difícil separarem-se uma da outra. Para o autor, a fase pré-edípica da menina sinaliza o que a filha construiu com a mãe, ressoando nas suas identificações posteriores e revelando as suas inclinações sexuais em continuidade com as da mãe, mantendo-se ternas ou hostis e agressivas. Os desejos libidinais da menina expressam-se de diversas formas e assumem o caráter de cada fase que desenvolve com a mãe. Foi a partir da questão edípica que Freud anunciou o trabalho difícil da menina de concluir o Édipo. Em tal complexo, o intenso trabalho

“a mais” para a menina significar a castração que a antecedeu, levou-a, penosamente, a algumas direções. O rechaço ao próprio corpo e a desvalorização de si, além do surgimento da hostilidade pela mãe. Todos esses fatores se coadunam e encaminham a menina para um desafio maior para se estabelecer como mulher. A noção que se manteve intacta da inveja do pênis permitiu a Freud que aprofundasse sobre o que tanto motivava a menina a se voltar para a mãe, marcada pela intensidade e duração da sua fase pré-edípica.

É interessante a colocação de Freud a respeito da fantasia de sedução da menina pela mãe, em sua fase pré-edípica. É determinante para a menina essa fase, uma vez que, sobremaneira, é a mãe quem realmente cuida e manipula a filha, excitando o corpo da menina, a primeira sedutora e campo da realidade para o sujeito. Em correspondência ao tempo pré-edípico, Freud comenta: “[...] sabíamos, naturalmente, que teria havido um estágio preliminar de ligação com a mãe, mas não sabíamos que ele poderia ter um conteúdo tão rico, durar tanto tempo e deixar atrás de si tantas ocasiões para fixações e predisposições” (Freud, 2021, p. 322).

Explorar o tempo pré-edípico da menina proporcionou a Freud subsídios para que avançasse no estudo sobre os impulsos envolvidos na menina, sabendo que as respostas psíquicas que daí decorreriam trariam consequências significativas para o vínculo com a mãe. Seriam elas: a estranheza do corpo feminino, a inveja do pênis, a hostilidade, o sentimento de injustiça e inferioridade da mulher e, principalmente, a junção do amor e do ódio acompanhados de uma relação insustentável que desembocaria em uma catástrofe.

Freud (2021) situa a feminilidade como um verdadeiro “continente negro”, ponto de impasse e de limite para uma interpretação do que é ser uma mulher. Os efeitos psíquicos, portanto, persistiriam na mulher, o que nos leva até o que afirma Segal (2013), ao ressaltar que, no texto freudiano, o falo é o centro de tudo, como o ponto definidor sobre o sexo feminino que direciona a menina para um vínculo materno, com predisposições e, naturalmente, carregada dos resíduos que moldaram a relação. A autora diz: “[...] novamente o que está no centro é o falo que existiria na mulher como ausência, como marca de uma ausência que traz um ressentimento tal para menina, que continuará produzindo efeitos ao longo da vida” (Segal, 2013, p. 39).

O surgimento da catástrofe trará implicações, ao longo da vida da filha, que esbarra na dificuldade de se separar da mãe. Isso quer dizer que, a partir do que Freud levantou dos efeitos que se produzem no psiquismo da mulher, a relação mãe e filha será marcada por incômodos, restrições e oscilações, quanto ao que se desdobrou para elas frente à significação fálica. O passo seguinte no seu desenvolvimento sexual explicita a ordem das coisas. A mulher segue um percurso de indefinição do seu sexo, pela existência do irrepresentável do feminino no

inconsciente da mulher. Este dado a assombra e a assusta, uma vez que, confrontada com a castração, permanece fixada em um resto inassimilável, que nunca é superado na sua passagem pelo Édipo. Por isso, sem a presença do suporte imaginário do falo, a menina fica “desassistida” em sua constituição sexual feminina, reivindicando, em outro tempo, uma solução para tal impasse.

[...] na falta desse suporte imaginário, poderá haver uma falha quanto à constituição da ilusão desse Um especular que motiva a identificação sustentada no desejo do Outro. Na relação com a mãe, nesse momento crucial da emergência significante constituindo seu corpo, poderá acontecer que essa ilusão especular não se constitua, e, com isso, a menina fique sujeita à fragmentação que o significante opera no corpo. (Eulálio, 2018, p. 68)

Em todo caso, no desejo de permanecer identificada à mãe, se a filha não passar pelo pai, a tendência é retomar a antiga relação com a mãe ou nela se fixando, lidando diretamente com os resquícios originários do Outro, com quem teve seus primeiros contatos afetivos colada ao corpo materno. Em novas fases da vida, a mulher lidará com o que reaparecer da história pré-edípica, reinventando-se como mulher para garantir a si mesma uma unidade corpórea mais efetiva.

Remetemo-nos, como referência à relação mãe e filha, ao que Zalcberg (2003) descreve como um “envolvimento sexual mãe-filha” inicial e intenso, sendo ele estruturante e estrutural para o ser da mulher. A mãe, como aquela que se incumbiu dos cuidados eróticos com a criança, deixa transcorrer para a menina um sentimento de ser devorada ou assassinada pela mãe, como resquício da ligação afetiva que remonta ao laço aferrado entre elas. O que a menina significou como falta de amor realça o sentimento de hostilidade que a atravessa, remontando ao afastamento da mãe que acabou em ódio. A fúria do amor dirigido à mãe avança nesse aspecto e, do mesmo modo que isso ocorre, a relação da menina com a mãe se intensifica, atualiza-se, e pode durar toda uma vida.

Faz parte da estrutura da relação mãe-filha a menina ficar envolvida na presença amorosa e sexual da mãe enquanto mulher. A filha tem de buscar uma solução para o enredamento originado na dominação que a sexualidade da mãe exerce sobre ela. Pela resolução desse envolvimento com a sexualidade da mãe, a filha estabelecerá a constituição de uma identificação feminina para ela própria. (Zalcberg, 2003, p. 173)

Ao recair na relação do amor e do ódio, a menina estreita o contato com a mãe e expande sua relação com ela. Lacan (2008a), no seminário, livro 20: Mais, ainda, aborda a relação mãe e filha sob o signo *hainamoration*, o amódio, pontuando a ligação estranha e extrema entre os dois afetos, indissociáveis entre si. O autor pontua que o amor tem uma relação direta com o

saber, no que ele é um enigma, que se revela pelo inconsciente. Nos seus termos, “[...] o inconsciente é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante” (Lacan, 2008a, p. 149). É imprescindível destacar que aquilo que restou da relação mãe e filha tem efeitos no inconsciente, no sentido de que a origem dos afetos resulta da relação com a falta do Outro, da presença de um significante que diga algo a respeito dele. No percurso edipiano, vimos que a menina reserva uma cota significativa de hostilidade contra sua mãe e que persiste no seu psiquismo como um entrave, um impasse a mais que não se soluciona. O ódio, inclusive, marca o obstáculo da relação identificatória feminina, no qual uma parte dele é superado, a outra podendo permanecer superinvestida.

Ainda neste seminário, Lacan (2008a) trata do amor como signo. Algo que certamente se dá na reciprocidade. Na verdade, o amor é uma paixão que ignora a existência do desejo, uma vez que ele quer fazer *Um* com o Outro, mas é impossível haver fusão de corpos, no sentido de preencher o furo que divide o Outro. Lacan vai sublinhar que: “[...] o significante *Um* não é um significante qualquer. Ele é a ordem significante, no que ela se instaura pelo envolvimento pelo qual toda a cadeia subsiste” (Lacan, 2008a, p. 154) e continua: “[...] o amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser *Um*, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação *dos* quem? – *dois* sexos” (Lacan, 2008a, p. 13).

Tal abordagem do *Um* corresponde ao ponto em que Freud admite que, na exigência de amor, a criança quer exclusividade, não suporta competir com outra. Nos impasses da resolução de suas satisfações pulsionais, a menina denunciaria, a partir de sua hostilidade contra a mãe, a impossibilidade de serem plenamente satisfeitas. O conjunto de fatores que impedem a satisfação total de seus desejos sexuais constitui a marca da hostilidade e da ambivalência do amor. Em maior ou menor grau, o início da relação da criança com o amor da mãe oscila e é ambivalente, estando sujeito a um enamoramento, de modo que, “[...] quanto mais apaixonadamente uma criança amar o seu objeto, mais sensível se tornará às decepções e impedimentos dele advindos” (Freud, 2021, p. 328).

De acordo com Zalcberg (2008), a particularidade do feminino aponta para duas vertentes do gozo na mulher: o gozo sexual e o gozo “mais além do falo”. Ambos os gozos dizem respeito à proximidade da menina do corpo da mãe, que erotiza a criança e o que resta dela enquanto não significantizado pelo gozo sexual. Na relação com a mãe, entrevemos que a menina, em sua feminilidade, busca, pela via do amor, apaziguar o modo infinito do gozo se manifestar, pela especificidade que tem o gozo de atraí-la para uma solidão profunda, sua parceira mais íntima. Quando não se opera o amor, delimita-se o sem limites do gozo da mãe.

A autora segue esclarecendo: “[...] a oposição entre amor e gozo se manifesta, sobretudo, na relação com o Outro. O amor institui o *agalma* do Outro, isto é, o objeto precioso que ele contém. Em função do que, o amor é associativo e aspira ao Um, no sentido de uma fusão” (Zalcborg, 2008, p. 128). O gozo, para ela, faz a função inversa, ele divide a mulher e põe em evidência o mais-de-gozar do objeto. Para não sucumbirem ao real, as mulheres procuram e apelam pelo amor de um homem, para que, com ele, ponha-se um limite para a infinitização a que o gozo “a mais” aspira.

Sabe-se que Freud não definiu o termo gozo, mas, à medida que avançou sobre a relação da mulher com a castração, ao deixar em aberto a questão feminina, deu indicativos de que a relação com a mãe se ancorava em um “mais além”, um resto que operava, persistindo na sexualidade como um ponto obscuro a ser ressignificado pela mulher. A ligação da menina com a “falta de substância”, da qual se ressentia pelo que adquiriu com a mãe, permitiu a Lacan (2008a) fazer uma distinção fundamental entre a mulher e a mãe.

Gypsy, a personagem que tomamos como material da pesquisa, em suas tentativas recorrentes de separar-se da mãe, sugeriu que, na mãe, isso passasse a operar, para que entre elas transcorresse uma separação real de corpos e se impusesse um limite para o gozo ilimitado do Outro. É como se Gypsy indicasse aos poucos que não estava marcada a diferença entre o desejo, campo do simbólico, e o gozo, reaparecendo no real, para que, em algumas situações, comparecesse a mulher na mãe e não somente a toda mãe.

Tomando nota desta reflexão, vemos a relação mãe e filha ser apontada como misteriosa, em alguns casos desastrosa, uma catástrofe, com difíceis desdobramentos para a mulher, de modo que constatamos as diversas modalidades de desfechos que a mulher constrói para dar “sentido” ao que não fica representado para si mesma. A questão do ódio, que reaviva a relação com o Outro, aparece na presença dos desencontros atuais com a mãe, que faz a mulher estagnar na relação ou seguir em busca de mais consistência corporal. Finalmente, para desprender-se da mãe, há percursos a serem atravessados pela mulher em seu desenvolvimento sexual.

Retomando Freud, ele diz que as condutas sexuais femininas conduzem as filhas na hostilidade dirigida à mãe. De todo modo, as peculiaridades femininas indicam que é no laço pré-edípico que se situam os maiores impasses para o “tornar-se mulher”. Diante disso, Freud (2021) se pergunta sobre o que então poria fim ao vínculo poderoso que permanece insistindo entre mãe e filha, sugerindo haver aí algo da ordem de uma identificação ao pai. Para ele, não se trata apenas da troca de um objeto amoroso pelo outro, mas da inclinação da menina a afastar-se da mãe, o que implicaria, de antemão, um trabalho mais duradouro e extenso para que um desenlace materno finalmente se efetuassem. É nessa mesma lógica que Zalcborg (2013) vai

destacar que a menina precisa desenvolver com mais intensidade sua própria sexualidade, o que corresponde a situar que as particularidades de um desenvolvimento sexual mais ardiloso ganham força na mulher. Encontramos, por essa razão, tais particularidades na mulher na natureza da sexualidade infantil, nas exigências de amor sem limites que a menina continua a fazer à sua mãe, muitas vezes, extremas e dolorosas.

É importante retomar a noção de que a responsabilidade pela castração que a menina destina à mãe, a leva a culpabilizá-la pela desvantagem que têm em relação ao outro sexo. A castração, como vimos, é uma operação que gera na menina uma hostilidade contra a mãe e sua sexualidade, e o sentimento de injustiça, ambas carregam entre si por terem vindo ao mundo como mulher, “caídas” vítimas da inveja do pênis. As mulheres, portanto, praticamente não superam tal infortúnio e dispensam, durante boa parte de sua vida, um grande trabalho psíquico para dar conta de tal infelicidade.

Mas, o que pretendemos manter em foco é a ideia de que a identificação da menina à mãe segue duas linhas diferentes. A ligação pré-edípica, que antecede qualquer outra relação, abarca o sentimento terno pela figura materna. A relação mais tardia, que deriva do complexo de Édipo, deixa rastros significativos quanto ao abandono da mãe como objeto e identificação ao pai. De ambas as ligações, Freud (2021) argumenta que muita coisa sobrarão e que nenhuma delas será superada inteiramente “[...], mas a fase da ligação pré-edípica é a decisiva para o futuro da mulher; nela se prepara a aquisição daquelas qualidades que lhe bastarão para mais tarde cumprir seu papel nas funções sexuais e para bancar suas inestimáveis tarefas sociais” (Freud, 2021, p. 340). Nos rastros da ambivalência, Zalcberg (2013) comenta sobre uma maneira de “pensar-se o sexo feminino”, que seria marcando bem a distinção entre o não-castrado masculino e o castrado feminino que, segundo ela, Freud nos apresenta como uma solução que o inconsciente do sujeito encontra “[...] para dar conta da impossibilidade de encontrar um símbolo para a sexualidade feminina” (Zalcberg, 2003, p. 38), já que com a mãe, e através dela, fica-se com os resíduos sexuais mais primitivos com os quais a menina terá que lidar no futuro.

Com isso, a queixa sempre feminina, em sua forma interrogada “afinal, o que ela quer?” denota a especificidade do feminino que se formula em demandas infinitas ao Outro. A menina quer encontrar um saber sobre o sexo que não está representado no inconsciente da mulher. O que fazer comigo mesma enquanto me digo uma mulher é uma questão que perpassa a subjetividade feminina e saber sobre o sexo é um desejo da filha de alcançar na mãe quem ela é como mulher. Neste momento, chegamos em um ponto crucial do trabalho, que é a devastação mãe e filha. Neste caso, encontramos as bases da feminilidade se entrecruzando entre mãe e

filha, dando indícios de como a devastação se instala e as recobre mutuamente. É disso que se tratou na análise da personagem que percorremos até aqui, quando constatamos que a devastação que aí se firmou entre Gypsy e Dee Dee compôs a relação desastrosa que persistiu, no que destacamos como a infinitização do gozo, dando nome ao que a mãe não consentiu em regular, inscrevendo a filha no lugar de objeto de sua satisfação.

O falo, como pontuamos anteriormente, elemento da metáfora do desejo, desdobra-se na relação com a mãe se ambas estiverem situadas na norma fálica. É através da incidência simbólica do falo, que drena/limita o gozo “não fálico”, que a mãe lidará com sua falta como mulher. A mãe, portadora dos significantes primordiais do sujeito, não deixa de se fazer existir no inconsciente da mulher, de modo que “[...] os cuidados dispensados ao filho trazem a marca pulsional do gozo materno” (Eulálio, 2018, p. 58).

Ao dizer que a mãe é, na verdade, a primeira sedutora, ele a coloca como esse Outro capaz de gozá-la. Atente-se para o fato de que a mãe, por ser mulher, está não-toda submetida ao falo. Isso quer dizer que o falo não satura o campo do gozo dessa mãe/mulher. Ao introduzir o pai como sedutor, é um modo de a menina conectar-se ao falo, uma saída da menina para não ficar submetida a um gozo sem limites pela via de sua relação com a mãe. (Bessa, 2012, p. 69)

Pontuando o gozo ilimitado e o lugar do não-todo, definido por Lacan no seminário 20, chegamos ao que concerne especificamente à devastação, que se caracteriza como um dos nomes que Lacan deu ao gozo feminino para retomar, a partir do que Freud sublinhou da mãe, a pregnancy do forte laço amoroso entre mãe e filha. Na série “The Act”, cabe uma referência ao gozo ilimitado aqui comentado, uma vez que a devastação se impôs como resposta às amarras de Gypsy, ao gozo exclusivo materno, trazendo a marca de uma mãe demasiadamente mãe. A figura materna, em oposição ao lugar da mulher, excedeu-se frente a um gozo intrusivo e cruel, capaz de fazer fundirem-se mãe e filha, sendo a mãe toda mãe e, como mulher, muito em falta.

Assim, a variedade das imagens da mãe abre-se em leque entre dois extremos: o da mãe que é mãe em demasia, e cujas presas se fecham sobre o filho, e o da mãe que é mulher em demasia, ocupada alhures, às vezes a ponto de ser tão Outra que é impossível alguém se reconhecer nela. (Soler, 2005, p. 96)

Kehl (2016) recorre ao feminino e explora os seus desdobramentos em seu livro “Deslocamentos do feminino”. Para ela, a castração é a chave de acesso à mulher que habita qualquer mãe na relação com a filha. A definição do irrepresentável da mulher no psiquismo tornou-se um desdobramento possível para qualquer fenômeno que aponte para a emergência do feminino, e, a partir disso, revelou-se para nós a diferença crucial entre as funções de mãe e de mulher pautada na psicanálise.

A autora dialoga com as proposições freudianas sobre os destinos da sexualidade feminina, ao abordar o discurso da falta de reconhecimento da diferença entre os sexos, advertindo que, se não repensarmos o lugar da oposição fálico (masculino) e castrado (feminino), restará às mulheres sempre o intolerável. Nesse caso, o afastamento da mãe tende a ter destinos consagrados para a mulher, ao abordarmos o feminino insondável na mãe: intensificação do sentimento de injustiça, rivalidade, incompletude do ser, desamparo, raiva, inquietude, inveja, insegurança, inúmeras exigências de amor.

Elizabeth da Rocha Miranda (2017, p. 145) ressalta que: “[...] em sua história pré-édipica é a menina submetida às primeiras experiências de gozo pulsional vivido diretamente com o corpo da mãe”. Para ela, é difícil renunciar à condição de completude do ser que “imaginariamente” acredita ser possível existir. Para Zalcberg (2019, p. 9), o amor que a menina dirige à mãe “[...] é uma cola poderosa; a filha o utiliza para ficar juntinho à mãe, com o objetivo de não perder uma migalha, uma pista sequer sobre o que é ser mulher”. E continua: “[...] uma menina será muito mais envolvida pela mãe em suas questões femininas, na medida em que essa mãe não tiver resolvido essas mesmas questões com a própria mãe” (Zalcberg, 2019, p. 10).

A partir daí, a menina segue, conduzindo-se na demanda infinita de amor, rastreando o campo do Outro e buscando recolher as suas migalhas, para que, com elas, costure sua própria sexualidade, faça remendas, mas em nada torne-se completa, fechada, corresponda a uma identidade. Frente a essa lógica, sabemos que Freud extraiu questões quanto à feminilidade a partir de sua escuta clínica, o que fez Lacan, um tempo depois, retornar à sua obra e teorizar, mais à frente de seu ensino, sobre a devastação.

Dos indicativos teóricos pelos quais nos guiamos, sobre a relação mãe e filha, partimos para uma compreensão mais profunda da devastação, naquilo que permanecia obscuro e inatingível na mulher. Na relação com a mãe, a escuta freudiana de mulheres, relativa ao que permanecia enigmático, manteve-se questionado na psicanálise. Lacan construiu a noção de devastação a partir do vínculo com o desejo na relação mãe e filha, pelo viés de um gozo a mais, um gozo suplementar feminino. Lacan avançou na abordagem do feminino para elucidar a devastação e retomar as nuances de suas implicações, o que nos auxilia e nos convoca, neste momento, a retomar e a retornar a Lacan em alguns de seus seminários. A noção de devastação proposta por ele problematiza o “mais além” interrogado na história da personagem Gypsy Rose.

3.3 A devastação entre mãe e filha

A devastação é uma das incidências do gozo na relação mãe e filha. Diante da devastação, apreendida na história de Gypsy Rose, questionamos o desejo materno a constituir uma relação amorosa que apontou uma saída pelo campo do real, marcando a história de uma mãe absoluta. Drummond (2011), no texto “Devastação”, refere-se à devastação como aquilo que “[...] retornará para o sujeito feminino, quer em sua relação com o corpo, quer em sua relação com a perda do corpo, quer em suas parcerias amorosas. Ambas as manifestações não deixam de ter relação entre si” (Drummond, 2011, p. 10). Seguindo os comentários da autora, na interpretação desta experiência, o que Lacan introduziu do termo gozo feminino vem reforçar e qualificar a relação da menina com o real sexual.

Para a autora, Lacan confere ao termo *ravage* a mesma lógica que Freud conferiu ao termo catástrofe, para referirem-se aos “[...] laços estabelecidos entre uma menina e sua mãe e àquilo que, dessa ligação, a psicanálise estabeleceu como parte da subjetividade feminina” (Drummond, 2011, p. 4). A devastação, portanto, é um dos nomes que Lacan dá para o que não se operou da metáfora paterna, afirma Drummond, acrescentando que a devastação é um significante que Lacan pôde localizar em um momento tardio de sua obra, em uma leitura que fez da relação do Édipo da menina, para alcançar o que preexistia entre mãe e filha e que tornava a insistir, determinando as qualidades do feminino.

De acordo com Soler (2005, p. 184): “[...] devastação não é reivindicação; às vezes a inclui, mas não se reduz a ela e, em última instância, é de outra ordem, porque não pertence ao registro fálico”. Para ela, “[...] o núcleo da devastação é o gozo Outro que devasta o sujeito” (Soler, 2005, p. 185). Diante da afirmação dessa autora, vemos que, na devastação, a questão do gozo atravessa as investidas maternas sobre o corpo do sujeito, portanto, o gozo pode se apresentar em modalidades de: enigma, invasão, devastação e manifesta-se para o sujeito exatamente ali onde não há sentido algum para ele.

Lacan (2008a), no seminário, 20: Mais, ainda indaga e tenta responder: “[...] o que é o gozo? Aqui ele se reduz a ser apenas uma instância negativa. O gozo é aquilo que não serve para nada” (Lacan, 2008a, p. 11). Ele segue revelando que se trata do gozo do Outro, “[...] do Outro com A maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor” (Lacan, 2008, p. 11). Reportamo-nos a esta afirmação lacaniana para destacar da história da personagem a devastação como consequência da relação de Gypsy com a mãe que enredou um corpo apêndice do seu.

Se estamos tratando das questões da mulher em Gypsy e ao que daí pôde emergir, foi preciso enfatizar que o corpo não estava sendo investido pelo desejo materno e sim, invadido pelo gozo do Outro. Vimos, durante a discussão no primeiro capítulo do trabalho, que a menina recorre à feminilidade para se sustentar na relação mãe-filha, cabendo à mãe um investimento narcísico no corpo real da menina “[...] de forma a ensiná-la a suportar a falta fálica”, ou seja, a mãe precisa “vestir o corpo da filha” (Miranda, 2017, p. 102), com seus atributos e artifícios fálicos, dando-lhe suporte imaginário para que a menina transcorra bem em sua sexualidade, ligue-se a significantes que tenham nos objetos seu suporte e, a partir deles, erija significados.

Via posição freudiana, a mãe entra na relação com a filha a partir do modo como lidou com sua própria castração, incorrendo ou não em uma devastação com ela. Desse modo, Miranda (2017) comenta que o pai seria o porto seguro da filha, lugar seguro (lugar da representação) para a menina se refugiar, protegendo-se da mãe face aos ataques de um amor louco e exclusivo na devastação. No entanto, segundo a autora, a devastação pode ser amenizada pelo modo como a mãe lidou com sua própria “alteridade” na relação mãe e filha.

Desse desdobramento, haveria um resto que sobraria, não simbolizado pelo falo, que faz com que “[...] o discurso da mulher que é mãe sempre tenha algo de legiferação, fazendo com que, por toda a vida, carreguemos a marca de seu desejo e os estigmas de seu gozo” (Miranda, 2017, p. 105). Quando comentamos que uma filha se perde na relação com a mãe, é porque a fala da mãe “[...] tem efeitos de inconsciente, mas também afeta o corpo da filha”. (Miranda, 2017, p. 106). Como nem tudo que a mãe diz é mediado pelo falo, a menina busca se alojar no desejo do Outro e não no gozo. No caso extremo da devastação, os corpos se equivalem, misturam-se em um enlace que rege vida e morte. No seminário, livro 17: “O avesso da Psicanálise”, Lacan (1992, p. 118) destaca o papel de uma mãe na devastação

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a bocarra. O desejo da mãe é isso.

Teríamos, até certo ponto, a devastação funcionando como um tipo de experiência que culmina na impossibilidade de uma mãe significar a falta fálica da filha e não lhe dar as direções necessárias para o que configuraria a máxima “tornar-se mulher”, apontando para os principais remanescentes que operam na menina em sua subjetividade, ou seja, as bordas, os limites que recobrem ou não o corpo feminino.

Retomando Miranda (2017, p. 103), ela afirma: “[...] quando não há um meio-dizer apontando para a possibilidade de inventar-se mulher, quando do lado da mãe há silêncio sobre

a mulher e seus gozos resta para a menina apenas querer ser a mulher do pai, esperando deste um filho-falo”. Se o que se esperou do pai não se efetivou para a menina e os meios para lidar com a incidência do gozo claudicaram, o que restou da operação tornou-se devastação. A singularidade da série “The Act” contribuiu para uma interpretação da devastação levada às suas últimas consequências, explicitando o tom destrutivo e mortífero do gozo.

A fixação da menina nos remanescentes maternos, o ódio, a castração, a feminilidade, constituem uma rede de condições que dão forma à devastação e “[...] esse resto da ligação apaixonada com a mãe e seu desejo significará uma peculiar e íntima relação com o gozo materno, relação que a passagem pelo Édipo não dará conta de barrar ou organizar inteiramente” (Segal, 2013, p. 59). A questão da mãe insaciável, que exige além do que a menina é capaz de lhe dar, diz respeito a um desejo louco, sem medidas, indecifrável para a menina/mulher. O resultado da relação com a bocarra materna, como sublinhou Lacan, é a captura do outro pela engenhosa estratégia materna de devorar o sujeito, de quem acredita ser possuidora.

No tocante à Gypsy Rose, o corpo foi capturado e fixado no gozo do Outro, um superinvestimento no objeto que era o corpo da filha, apêndice da mãe, absorvido no lugar de doente para não aceder ao lugar de sujeito e nem se expressar em sua condição desejante. É o que nos apresenta Miranda (2017, p. 105) sobre aquilo que ultrapassa o sujeito e deixa as marcas de um gozo: “[...] vê-se, assim, que a devastação ultrapassa o que Freud conceitua como Penisneid e a consequente reivindicação fálica, chegando a ser incompatível com a vida, já que nela a pulsão de morte é soberana e, por vezes, leva a menina a cair num vazio”. Ressaltamos que, neste ponto, o gozo do Outro equivale à experiência do sujeito com o inassimilável, que, com a mãe de Gypsy, presta-se a um saber absoluto sobre a filha, apontando para um enredo psicótico. Assim como Mello e Souza (2021) afirmam, a questão do gozo do Outro aparece para nos orientar na compreensão do que se revelava em Dee Dee na sua dimensão de gozo do Outro frente à sua existência e a de Gypsy.

As autoras salientam que nas psicoses,

[...] a falha na inscrição simbólica traz para a cena a experiência de confrontação com o Outro sem falhas, onipotente, que não deixa nenhum espaço para o sujeito se constituir como desejante, arriscando fixá-lo enquanto objeto de uso e abuso desse Outro que incide como absoluto. Por isso, nas psicoses o Outro comparece como absoluto, como portador de um gozo invasivo e avassalador [...]. (Mello; Souza, 2021, p. 757)

Vale retomar a noção de metáfora paterna para pontuar a dimensão de separação necessária entre os corpos de mãe e filha. Na impossibilidade de se separar inicialmente do

Outro, Gypsy enfrentou uma mãe para a qual não operou o interdito paterno, o que nos ajudou a compreender que, na ausência real de um terceiro, pois não havia um pai presente na realidade, que um pai simbólico não pôde operar, ou seja, o significante do desejo esteve inoperante na mãe e o desejo não se colocou como enigma, significante da falta do Outro. Nas falas de Dee Dee, o que ela deseja é que ambas se protejam uma à outra, dizendo: “Você me protege e eu protejo você”, como diferenciá-las?

Benhaim (2007) esclarece esse ponto:

Dessa forma, o pai se revela como função terceira que vem separar, organizar o mundo como tal, isto é, além da manutenção do engano de que ele seria apenas um lugar de completude habitado exclusivamente por duas pessoas com tendência a unificar-se indefinidamente, que vem, dito de outro modo, temperar o gozo materno e dar à criança o sentido da realidade, em oposição àquilo que, do real (corpo no corpo), foi atravessado na experiência da maternidade. (Benhaim, 2007, p. 41)

Convém relembrar que, assim, uma mãe pode capturar o filho e se apresentar, segundo Lacan (1995), como aquela em torno da qual gira a questão da insaciabilidade do desejo de falo.

Esta mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar, *quaerens quem devoret*. O que a própria criança encontrou outrora para anular sua insaciedade simbólica, vai reencontrar possivelmente diante de si como uma boca escancarada. (Lacan, 1995, p. 199)

Há algo na mãe que perpassa a subjetividade da filha e aponta para o real. O confronto da menina com sua sexualidade se dá pela constatação da imagem da castração no corpo do Outro e é nesse sentido que “[...] a imagem do crocodilo corresponde à primeira grande questão para a criança, que é o confronto com o mistério do desejo e da opacidade do gozo da mãe” (Eulálio, 2018, p. 66). O desejo é um mistério, indecifrável e sem nome, sempre insatisfeito. No percurso edipiano, a menina quer alcançar o que a mãe deseja, pondo em questão a responsabilidade materna, no que compreende à falta fálica da menina. Com esta colocação, Miranda (2017, p. 102) recorre à responsabilidade da mãe sobre a falta fálica da filha para justificar que “[...] supostamente pode gozá-la, uma vez que a fez castrada”.

Da experiência com o gozo materno, há o risco de a mulher ser devorada pela boca de crocodilo materna. Na devastação, a mulher se vê imbricada em uma “[...] relação particular de onde se deduz o gozo Outro [...] fora do falo, sem possibilidade de estabelecer laço com o outro” (Miranda, 2017, p. 142). Dito de outro modo, na relação com o gozo infinito, é determinante para a menina a constatação do que nunca será realizado, a suposta idealização de completude do seu sexo, porque algo do feminino sempre restará insubordinado, resistente e transgressor.

Aí reside a questão da significação do gozo sexual com a entrada da lei, o nome-do-pai que dá ordem às coisas, intervenção necessária para a separação materna, uma vez que a lei apazigua e livra a criança de ter que ser o objeto da mãe.

A resposta que a criança der ao enigma do desejo, na tentativa de significá-lo, caracterizará o próximo passo para a sua assunção como sujeito. Diante desse impasse, que terá que ser inventado por cada uma, seguimos compreendendo que, no caso das meninas, elas destinam às suas mães uma responsabilidade sobre o seu ser feminino, que é estrutural, mas indica-lhes perda de gozo frente à incompletude do ser, já que a mãe, como explicitamos, também é castrada. As marcas deixadas pelo Outro, com as quais a menina tem de se haver a desorganizam e elas permanecem queixosas do Outro materno, acusando a mãe e clamando por uma maior consistência, que revelam a ela sua ferida narcísica. Embora a falta-a-ser lhes seja estrutural, as mulheres, conforme discutimos, destinam às suas mães injúrias, acusações que persistem enquanto revelação de uma demanda intensa de amor, persistindo em um desejo por maior referência no feminino, denunciando sempre a falha no corpo. Na verdade, a mulher transfere o que herda da relação com a mãe para suas relações futuras.

O cenário de Gypsy Rose nos permitiu pensar nas entrelinhas da devastação e de como o desejo não se fez enigma para ela. O que supomos é que, não havendo a necessária separação dos corpos de mãe e filha, pela submissão de Gypsy ao lugar de objeto, fez-se soberano, nessa relação, o imperativo de um gozo desmedido e mortífero. Durante um bom tempo, o lugar de doente era o lugar de uma verdade, capturada no gozo de uma mãe a usufruir do corpo doente da filha.

[...] o ilimitado ao qual esse gozo Outro ou gozo feminino aponta, excedendo o que é circunscrito pela pulsão de vida, adentra o domínio da pulsão de morte. Nele, não se trata da celebração narcísica de um sujeito, mas da relação com uma entrega na qual esse gozo se realiza apesar do sujeito, e mesmo a despeito dele. Dessa experiência que suspende a subjetividade tanto pode resultar um júbilo, quanto uma vivência de devastação (Maurano, 2023, p. 79-80).

Para dar ênfase à questão da diferença que não se fez entre elas, até certo tempo da relação duradoura, encontramos a explicitação da devastação em Lacan (2008), que salienta a diferença entre o amor e o gozo. Ele diz: “[...] se aí está uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita toda a sua poja. Quando se olha para lá mais de perto, veem-se as devastações” (Lacan, 2008, p. 12). A devastação entre Gypsy e sua mãe a fez colar-se ao corpo materno. Na tentativa de permanecer compreendendo o que faz uma menina sucumbir à devastação, o trágico foi pensado, assim que evocamos o “mais além”. O sentimento de surpresa, ao acompanhar a série, quanto à submissão do corpo da personagem, relançou-nos

para a reflexão final, no próximo capítulo, sobre o trágico e os efeitos da devastação. Continuamos a indagar: como Gypsy se apropriaria de um desejo se era impedida de assumir um corpo, uma posição no sexo? Que efeitos decorreriam da impossibilidade de se tornar sujeito? Como vimos no capítulo um, as transgressões e insubordinações de Gypsy indicaram caminhos possíveis referentes às saídas encontradas para dar contorno ao Outro e a seu gozo.

Com estas questões suscitadas, apresentamos o trágico no próximo capítulo, para pormos em relevo, sem darmos fim às próximas discussões, o sujeito trágico para a psicanálise. Refletiremos em torno dos destinos da mulher, pontuando os efeitos trágicos da devastação em seu ser, para que, através deles, repensemos o lugar do gozo e a sua incidência na vida de uma mulher.

4 OS DESTINOS TRÁGICOS DA DEVASTAÇÃO NA MULHER

Nas duas situações aqui percorridas, o caso clínico e a série, com cada filha encontrando um modo singular de se fazer existir para além da relação com seu Outro materno, esbarramos no tema do trágico. O ponto de partida da pesquisa elucidou a devastação entre mãe e filha e suas incidências na vida e no corpo da mulher. Vimos que há distinções entre as posições da mãe nas duas situações que apresentamos. A questão do desejo e do gozo tomaram rumos singulares em cada uma dessas histórias. Em uma delas, o desejo se fez enigma, e na outra não observamos tal condição.

A reflexão sobre a sexualidade materna nos indicou caminhos possíveis para a constituição de uma sexualidade para a menina, ainda em vias de solucionar os impasses vividos *a priori* com a mãe. O trágico, como fenômeno que surgiu no *a posteriori* da construção do caso clínico, especialmente na história da personagem, levou-nos a refletir sobre os efeitos da devastação em Gypsy Rose e seu destino, tendo traçado um caminho singular face a uma vivência trágica com a figura da mãe.

Ao pensarmos no trágico, que mobilizou a escrita desta dissertação, passamos ao momento de pontuar o que seria o sujeito trágico para a psicanálise, em função do que ocorre com o sujeito na dimensão do desejo do Outro. Consideramos que, na leitura sobre o trágico, melhor inferimos a constituição de destinos traçados pela mulher, ao ingressar na lógica da relação mãe e filha que se estruturou em uma devastação materna, o que se justifica pela ambivalência do Outro e do desejo, possibilitando que o “ser mulher” se invente, para além dessa condição primeira.

Na problemática da pulsão, encontramos as bases da mobilização do sujeito perante a vida, mas, sobretudo, guiado pela pulsão de morte. As questões da vida e da morte teceram a estrutura das escolhas de Gypsy Rose, o que nos mobilizou a discorrer, como faremos a seguir, sobre o fenômeno do trágico na psicanálise. Submetida a uma série infinita de investimentos maternos, a personagem nos revelou, em sua particularidade, a dimensão pulsional do Outro na estrutura psicótica materna.

O trágico, a que queremos fazer alusão, é o do ponto de vista freudiano, da leitura esquematizada por Freud de que o sistema psíquico é um campo de forças opostas que insistem em se expressar no sujeito, ao qual tais forças estão referidas. A explanação acerca da vida anímica do sujeito sustenta a hipótese de que o sujeito não governa a si mesmo, uma vez que está em constante conflito com a oposição de tais forças inerentes ao seu psiquismo. Lemos e construimos a narrativa sobre a história de Gypsy, pelo viés desse fenômeno intrínseco ao

sujeito, que, incorporado à noção de um “mais além”, acendeu uma luz para a ocorrência da devastação extrema entre mãe e filha e seus efeitos devastadores, impelindo a personagem a reagir face ao que se delineou para ela como experiência singular na relação com o Outro. Faremos, inclusive, uma explanação sobre o tema com vistas a dar sustentação à provocação que a história de Gypsy Rose nos fez sobre uma mãe absoluta, em sua vertente real, de cujos efeitos psíquicos Gypsy sofreu as consequências.

Os efeitos da devastação, oriundos de uma posição materna, marcou um posicionamento, neste trabalho, do trágico, enquanto fenômeno que aponta para o desejo e suas ressonâncias. Essa lógica articulou gozo e corpo materno, implicando a filha em uma trama que sustentaremos como capaz de ter produzido uma mulher que fez valer um ato em nome de uma solução possível, coadunando-se com o que se define por responsabilidade trágica, assim como fez a heroína trágica Antígona.

4.1 O sujeito trágico para a Psicanálise

Na retomada que podemos fazer da série, encontramos no trágico um fio condutor para pensarmos os destinos da devastação entre mãe e filha para a mulher. Uma paixão avassaladora, como a da mãe pela menina, pode caracterizar-se como devastadora, com incidências no seu corpo, no seu ser, em sua sexualidade. Na devastação, vimos que o gozo materno está para além do simbólico e avança sobremaneira para o corpo da filha, da qual a mãe usufrui como objeto, sem distinguir o lugar de sujeito, tomando-a como mero objeto de sua satisfação. Aqui, notou-se que os excessos maternos atropelaram a relação mãe e filha, evocando um resto não simbolizável que perdurou na relação, tendo levado as duas mulheres a um destino trágico.

Na consideração sobre o fenômeno do trágico, a psicanálise pressupõe que o sujeito é movido por paixões, o que nos levou ao livro de Dunley (2001), “O silêncio da acrópole”, em que a autora discorre sobre o pensamento freudiano a respeito dos excessos e da intensidade. Dunley aponta o *pathos* freudiano como o movimento que, para os gregos, definiriam “[...] a capacidade de se deixar comover, de se deixar tomar ou afetar, sem a qual não pode haver nenhum acolhimento, nenhuma escuta do que nos ultrapassa. Nenhuma escuta do trágico” (Dunley, 2001, p. 83). Isso pressupõe que somos atingidos, em nosso ser, pelo *pathos*, pelo afeto, pela composição desse fenômeno que existe na medida em que somos capazes de escutá-lo em nós.

O trágico, em psicanálise, é discutido por Freud a partir de suas considerações sobre os destinos da pulsão no inconsciente. O sujeito trágico seria aquele que adviria da condição da

perda do lugar de objeto para o Outro, ao qual se sobrepõe o desejo presentificado na falha do Outro, na divisão entre os pares: consciente/inconsciente, sujeito/objeto, eu/isso, vida/morte. A particularidade do sujeito trágico está em não ceder de seus próprios desejos, sendo o modo intrínseco do inconsciente trabalhar dominando as leis que operam no seu psiquismo.

No caso da série, fomos cernindo o ser da mulher na personagem, que não se encontrava dividida pelo Outro, portanto, parecia não estar no lugar de um sujeito movido pelo trágico, que se deslocaria do lugar de objeto que sempre ocupou para a mãe. Na verdade, pontuamos o trágico em Gypsy a partir da presença do desejo de matar a mãe, vinculado ao pedido que fez ao namorado. Por essa via, de não cometer o ato, mas de participar da cena, demarcamos uma escolha singular que não se pautou pela via do simbólico. No mito de Édipo, encontramos as bases da história de um herói às voltas com a decifração de um enigma. Na história, Édipo Rei assume a posição de ir atrás de uma verdade, que mobiliza o seu ser, à procura de respostas sobre a sua existência e sua origem.

Com o que extraímos da série, buscamos dialogar com Édipo e com Antígona, na medida em que consideramos que “[...] o mito está intimamente ligado à noção de verdade, verdade essa velada no interior do próprio mito. É o anúncio de um dos princípios fundamentais da psicanálise, o princípio da dualidade como estruturante da vida psíquica” (Pastore, 2012, p. 266). Apesar do lugar de assujeitamento atribuído à Gypsy, o de satisfazer os desígnios maternos, surpreendemo-nos com as escolhas de Gypsy Rose, com as saídas encontradas por ela e com a questão de como o desejo não se fez enigma, comprometendo sobremaneira seu advir enquanto sujeito de desejo e, assim assume suas responsabilidades implicadas nas escolhas que foi fazendo, incluindo o pedido que fez ao namorado para matar sua mãe.

Gypsy, ocupando o lugar de objeto de desejo e de gozo maternos, reduziu-se ao campo do Outro. Ao nos reportarmos à condição do trágico, temos na tragédia uma referência particular que contribui com os alicerces teóricos com os quais trabalha a Psicanálise. Na tragédia, temos a figura do herói trágico que, a princípio, “[...] sempre corre o risco de cair na armadilha das próprias decisões das quais não é senhor” (Almeida, 2014, p. 17). Acontece que a tragédia coloca em cena as paixões humanas que dilaceram o homem e, apoiando-nos em Pastore (2015, p. 221), ressaltamos que o homem trágico carrega em si uma contradição pautada nos “[...] discursos duplos que se opõem e lutam entre si, sem se destruir mutuamente”.

Tomando nota de tal colocação, o sujeito trágico enfrenta, dentro de si, dilemas que são propriamente humanos, e, na realidade, não consegue suprimir as contradições que lhe são inerentes. Percebemos que a personagem Gypsy Rose, no confronto com o Outro materno, deparou-se com certezas maternas, reafirmando o lugar do trágico no tocante à constituição de

uma mulher que se tornou responsável por escolhas que fez e pelo desejo de pedir ao namorado que matasse sua mãe, dando-lhe um destino que a implicou nessa decisão, gerando um desfecho também trágico. Do mesmo modo que o herói trágico, na tragédia, assume uma posição no impasse que vive consigo mesmo, a mulher, na relação mãe e filha, encontra-se diante de um impasse, tanto na questão do ser ou não ser mulher, quanto no embaraço de se dizer ou não sujeito do desejo, responsável pelas escolhas que tem que fazer daqui por diante.

No caso de Gypsy, Dee Dee também se tornou responsável pela captura do corpo da filha doente, do qual usufruía fisicamente e psiquicamente. Vale ressaltar que, na psicanálise, o objeto a ser manipulado, na obtenção exclusiva de uma necessidade de satisfação, pode ser qualquer um, sendo ele mesmo um objeto fantasmático. Nenhum objeto da realidade corresponderá à totalidade da satisfação pulsional, que é sempre parcial, como afirmou Freud no texto dos Três Ensaio.

Maurano (2023), em seu livro “Reviramentos do feminino”, expõe um ponto interessante sobre o feminino. Na exploração acerca da mulher, a autora discorre que esse feminino “[...] indica o ponto limite do saber, do sentido, da representação, que está em uma relação de vizinhança com o nada ao qual chega o herói na tragédia para ir até o fim com seu desejo” (Maurano, 2023, p. 67). Quando se chega aos confins do desejo, encontra-se o que não existe, comparecendo o gozo referido à mulher. A ideia que queremos demarcar neste momento é a de que a experiência de Gypsy com o gozo Outro é a experiência “[...] que se dá a despeito do sujeito” (Maurano, 2023, p. 68). A dificuldade de Gypsy de fazer simbolizações a remete a uma experiência em que o gozo, “[...] ele não está referido propriamente ao que designa o sujeito, mas sim a sua relação com o que o ultrapassa, ou seja, remete a sua infinitude, a sua transcendência” (Maurano, 2023, p. 68).

A escolha materna da filha, como objeto de gozo, foi uma escolha singular derivada da condição subjetiva da mãe. Dee Dee atua soberana e imperativa, modo específico de se relacionar com o feminino e tomar a filha como objeto, capturando o seu corpo e agindo conforme a incidência do gozo. Neste caso, reiteramos a afirmação de Maurano: “[...] eu diria que se trata de um gozo sem sujeito, ou no qual o sujeito se entrega como objeto” (Maurano, 2023, p. 94).

A história de Gypsy testemunha o lugar do gozo na devastação e o sentido que a autora atribui à experiência com o gozo do Outro. Ela discute o caráter de aniquilamento subjetivo, em que o gozo feminino comparece como gozo do Outro, que incide, não sobre o Outro faltoso, mas que se encontra com o Outro “terrível, intrusivo, sem barra”. “O Outro que invade e

aniquila o sujeito nas experiências de devastação, das quais a crise psicótica é um bom exemplo” (Maurano, 2023, p. 95).

A partir disso, explicitamos, mais acima, que as contradições no psiquismo do sujeito não se anulam, que elas agem sem um controle racional e consciente e o sujeito não as domina dentro de si. Em relação ao inconsciente, Vorsatz (2013, p. 13) comenta que: “[...] na cena trágica – assim como na Outra cena, inconsciente – as contradições coexistem, sem se anularem reciprocamente”. O sujeito trágico para a psicanálise se revelaria, portanto, na própria contradição. Não sabendo como dominar as leis que imperam no seu psiquismo, o que está insistindo em aparecer acaba escapando ao sujeito, seja na forma do ódio, da silenciosa pulsão de morte, seja nos efeitos nefastos decorrentes da des fusão pulsional. Os efeitos da pulsão no psiquismo retratam o caminho silencioso da pulsão de morte. A destrutividade do sujeito perante a sua manifestação, não se liga à vida, que almeja a união, o amor, o laço com o Outro. O caos que se origina da des fusão nos leva mais uma vez à personagem e a sua história, marcada pela experiência devastadora com o gozo materno.

Freud (2010), no texto “Mais além do princípio do prazer”, conceitua a pulsão de morte em conflito com a pulsão de vida, inferindo que suas representações psíquicas se prestam à “reprodução de vivências edípicas infantis” (Pastore, 2012, p. 313), além de se apresentar em seu modo de compulsão à repetição. Não se trata da repetição de experiências agradáveis, mas de uma expressão de natureza desprazerosa das experiências traumáticas vividas pelo sujeito. Na personagem, a infantilidade do corpo, a sua idade alterada, as doenças, o cabelo sempre raspados pela mãe, indicaram o abismo do sujeito e seu lugar de objeto, com a assunção de um corpo que se manteve sempre doente frente ao Outro intrusivo, dando indícios de um escancaramento da loucura materna e de suas repetições sintomáticas. No ato desmedido de Gypsy contra a vida da mãe, encontramos um ponto de articulação entre ela e a personagem Antígona.

Recorremos à noção de ato descrita por Lacan (2008b), no seu seminário, livro 7: a ética da psicanálise. O autor traz Antígona como uma mulher que subverteu leis impostas pelo Estado, guiada por forças internas que contradizem os regulamentos fundamentais de uma sociedade. É na figura de Antígona que ressaltamos a importância do trágico, uma vez que ela foi capaz de contrariar leis imperiosas e seguir respondendo com seu próprio desejo, o de sepultar seu irmão Polinices.

Na hiância entre a antiga norma estabelecida pelo poder real e a determinação do bem comum como princípio regulador da vida na polis irrompe o canto trágico como anunciador de uma verdade singular, encarnada na figura do

herói trágico – no caso em questão, da personagem Antígona. (Vorsatz, 2013, p. 61)

O ato, enquanto singular, funda a responsabilidade trágica, segundo as palavras de Vorsatz (2013). Para a autora, o engajamento do sujeito é constitutivo do ato, advém de uma decisão particular, seja através da palavra, seja através do próprio ato em questão. Frente à impossibilidade de se abster da condição de contradição, o herói trágico carrega uma responsabilidade que se revela na presença de um sujeito comandado pelo inconsciente “motor de suas ações”. Vorsatz (2013), em seu livro “Antígona e a ética trágica da psicanálise”, afirma que a responsabilidade trágica advém como consequência e não como causa de uma ação heroica.

Nessa perspectiva, ressalta

[...] a dimensão ética presente na tragédia, que é homóloga à que se encontra em causa na psicanálise. De acordo com essa *démarche*, proponho que a lei à qual a heroína trágica se refere não é outra senão o ato que ela inscreve em perda. (Vorsatz, 2013, p. 108)

Tendo em vista a ética da psicanálise, ela

[...] não diz respeito a uma especulação, Lacan retira qualquer possibilidade de fazer dela uma consideração teórica de caráter abstrato. Ela não trata do acesso a um bem, imanente ou transcendente. Ao contrário, Lacan fundamenta a ética da psicanálise numa experiência, isto é, no terreno da ação (e não do pensamento), cuja dimensão trágica busca ressaltar. Nesta, a ação humana não visa a qualquer espécie de ganho, mas se inscreve em perda, por meio de um ato, e não referida à intencionalidade. Esse é o passe ético empreendido por Antígona, personagem trágica do século V a.C. que Lacan elege como paradigma da relação do sujeito com o campo do desejo inconsciente. (Vorsatz, 2013, p. 61)

Supomos que a personagem Gypsy Rose se defrontou com a assunção de uma responsabilidade última, assim como Antígona, ao assumir uma posição, um lugar, descumprindo leis que lhe foram impostas, mesmo que leis internas e de enfrentamento com o Outro absoluto. Vorsatz (2013, p. 61) levanta a questão do ato de Antígona “[...] não como modelo a ser adotado, mas a título da mais absoluta singularidade, isto é, que não prediz e não normativiza, advindo fora do âmbito da mestria e sem qualquer referência ao saber”. A articulação da responsabilidade trágica do sujeito, ao cumprimento de um desejo inconsciente, faz Lacan, segundo a autora, localizar em Antígona o valor essencial da ética psicanalítica. É na tragédia e na psicanálise que vimos se integrar herói e sujeito, movidos pela lógica da responsabilidade e não pela lógica de um bem comum. O que garante a validade da afirmação

é que o herói trágico age em nome próprio, sem recorrer a algo que lhe seja exterior. Há uma lei que se impõe ao herói, como fundamento de sua ação.

Quanto à lei de Antígona, sabemos que:

Dessa forma, a lei não escrita não pode ser subsumida à lei escrita, nem tampouco caracteriza o seu fundamento transcendente; ao contrário, consiste no seu Outro. Para além daquilo que, registrado por escrito, poderá ser reescrito conforme o lugar e também o tempo, há o que, não cessando de não se escrever, é indelével e, não obstante, contingente. A lei escrita é passível de ser revogada; as leis não escritas, justamente por não se encontrarem consignadas em um código, são inegociáveis. No entanto, exigem um sujeito em presença de modo a garantir, em ato, sua validade. As leis não escritas têm, portanto, uma dimensão real como algo que se impõe, muitas vezes a contrapelo do bem comum, assim como daquilo que seria o bem de cada um. (Vorsatz, 2013, p. 114-115)

Por meio da ação, a escolha do sujeito é singular, no que ele é livre e responsável pelo que é, não fazendo referência a nenhuma lei divina, não visando reconhecimento da ação, nem conquistando uma felicidade plena, total. Trata-se do ato fundador da responsabilidade, que advém, como vimos, como consequência e não como causa. É uma ação direta, que liga sujeito, desejo e a lei aí implicada.

Vorsatz (2013) coloca mais uma vez a questão da responsabilidade e extrai significados para a definição, retirada do dicionário, do termo responsabilidade. Segue se reportando a várias definições possíveis, que cumprem uma função de determinar o que seria da ordem da responsabilidade em ato do sujeito, como engajar-se em algo, ser obrigado a assumir tal posição e responder por ela, ou, ainda, “[...] tomar para si algo que vem desse campo alteritário, implicando-se por meio de sua resposta” (Vorsatz, 2013, p. 120). Conforme suas colocações, adianta que isso é uma convocação feita ao sujeito para que se implique no ato, na medida em que incorre em uma responsabilidade “[...] sob a forma de uma resposta que funda, por seu intermédio, um compromisso” (Vorsatz, 2013, p. 122).

A referência de Vorsatz (2013) ao termo *autonomos*, retirado de Lacan (2008b) em seu seminário, livro 7, “A ética da psicanálise”, restitui a Antígona uma injunção ética. É de tal termo que se explicita a noção de que Antígona trabalha em consonância com a perda, com o que do corte significante ela tem que lidar. O corte do significante lhe confere uma existência pautada no desejo, de ser o que se é, operando como voz e ação que vai na contramão das leis dos homens. A partir disso, quando destacamos o lugar que Gypsy teve na relação com sua mãe, ressaltamos que, do ponto de vista de uma escolha, ambas foram responsáveis pelo que da relação extraíram, pelo lugar que assumiram diante do compromisso que tiveram uma com a outra.

A princípio, o que decorre do ato, na tragédia, é a escolha forçada, para a qual não há possibilidade de o sujeito escapar. É nesse sentido que a tragédia é um exemplo do que é a dimensão do ato heroico: o herói age sem saber. O sujeito, encarnado no herói trágico, é revelado na cena, que se destaca diante de uma escolha crucial. É pelo viés da ética que questionamos o sentido da ação humana. Ligado à alteridade, o sujeito trágico se responsabiliza por sua entrada no campo do Outro, no que se constitui como a Outra cena, a do inconsciente.

A questão do caos, que se instala no psiquismo do sujeito, dialoga com o destino da personagem. O Isso, como a instância que não segue leis, nem moral e valores, nem se diferenciam nele o bem e o mal, é a instância definida como caótica, que reside na sua vida anímica: “O isso é o caos porque as pulsões antinômicas o habitam sem se anularem; não há nele representação de negação e nem de tempo ou espaço” (Patitucci, 2008, p. 216).

Retomando Vorsatz (2013), o ato do herói ancora-se na sua inclinação a assumir um desejo próprio. Extraíndo tal afirmação, no sujeito isso se inclina para a responsabilidade trágica. A especificidade trágica é o que determina a escolha de cada um, a partir do ato que se imprime enquanto resposta à escolha. O modo como o sujeito trágico responde com seu próprio desejo, diante de algo que se impõe para ele, comporta em si um cumprimento ético.

É o que mostra – pelo avesso – a heroína sofocliana. Extraíndo das leis não escritas dos deuses a força de sua decisão, a filha de Édipo age ao arrepio de seu próprio bem, já que o destino daquele que desobedecer à lei da polis, no caso, ao édito real promulgado por seu tio materno Creonte, é inequívoco: a morte. O ato de Antígona vai de encontro ao serviço dos bens apontado por Lacan, por sua vez a reboque do princípio do prazer. Ao franquear o limite imposto pela letra da lei que vigora na cidade, um real se configura como irreduzível, como impossível de ser inteiramente apreendido pelo campo simbólico do qual é, não obstante, tributário. (Vorsatz, 2013, p. 115)

O ato de matar a mãe foi uma solução última que se sobressaiu na personagem Gypsy Rose, qualificada como trágica, que não visou um bem comum. O ato em si adiu como um corte, na literalidade da separação dos corpos da mãe e da filha. Os efeitos trágicos da devastação tomaram um rumo para Gypsy diante de uma separação real de corpos entrelaçados. Os efeitos no corpo e na subjetividade seguiram reverberando em Gypsy. O ato cometido pelo namorado, do qual Gypsy participou, ouvindo, traçou um destino para ela e para sua mãe. Para além do destino que se desenrolou entre elas, estão em questão as escolhas posteriores de Gypsy, que, pós-morte materna, cumpriu uma pena de quase 9 anos de prisão ao se declarar culpada pela morte trágica de sua mãe.

Mantemos, por ora, aberta a questão: quais outros destinos foram possíveis para Gypsy, no que concerne ao lugar da mãe na sua fantasia? Será que ela conseguiu se libertar realmente

do Outro? Face à psicose materna e a tudo que se inscreveu no corpo de Gypsy, persistiria nela a invasão de um gozo Outro, uma vez que se constituiu na relação mãe e filha? O ato de Gypsy, sem simbolização, significou uma separação radical do corpo da mãe, necessária, ainda que tenha se configurado como um destino trágico indecifrável, considerado por ela como um ato libertador.

Partiremos agora para as considerações sobre o desenlace do Outro materno, que Gypsy foi capaz de protagonizar na série americana “The Act”.

4.2 “The Act”: O desenlace do Outro como uma saída trágica

Este tópico reflete o caráter avassalador de uma relação mãe e filha e seu destino trágico. Discutir a relação da filha com a mãe em Gypsy Rose nos encaminhou para a realidade trágica do gozo materno face à devastação da filha. Através da narrativa da série, pensamos o trágico esbarrando nos limites entre mãe e filha, com a menina se havendo com os destinos a que se viu implicada a traçar para si mesma, cuja escolha se deu no real.

Nesse sentido, consideramos que demos um lugar ao trágico na interpretação da série. Seria a história da personagem uma maneira da mulher se haver com seus destinos, pela via do trágico? Que lugar demos a este fenômeno na série “The Act”? A princípio, o trágico revelou uma filha agindo em nome de algo que ela desconhecia, cabendo a si própria a assunção de uma responsabilidade que determinou suas escolhas e a força de seu destino como mulher. Como vimos, as marcas de um gozo prevaleceram na constituição sexual de Gypsy. No decorrer da história, as incidências maternas traçaram um caminho difícil e tortuoso para a menina, que se deparou com uma mãe absoluta enclausurando a filha em um corpo infantil, assexuado, doente e totalmente dependente do Outro materno. O corpo da personagem emergiu como berço de uma significação materna tirana, que abrangeu as suas inscrições primordiais, traçando um destino singular para a filha.

A noção do trágico apareceu, nesta pesquisa, como um dos fundamentos psicanalíticos que articulou a noção de desejo e gozo maternos. Os obstáculos do Édipo na menina evidenciam o trajeto feito pela filha na sua identificação ao sexo, para que a feminilidade transcorra bem para ela. Nos termos de Freud, esse é o resultado que opera para a menina um destino sobre o seu ser feminino, deslizando por entre as malhas pulsionais nas entrelinhas de uma feminilidade, para além da mãe. Dee Dee Blanchard, na relação com sua filha Gypsy, trouxe a marca de uma faceta trágica que escancarou uma devastação extrema com a filha. O usufruto do corpo de Gypsy fez dela uma menina frágil e desamparada, paralisada no tempo e presa em

uma cadeira de rodas, aprisionada nas malhas do significante “doente” a operar insistentemente para ela. À medida que os excessos do Outro foram se escancarando para Gypsy, a personagem assumia um lugar sem abandonar os resquícios da posição que a sustentavam anteriormente, durante boa parte de sua vida.

Ao deslizar por uma das posições, a de sujeito, ela fez um giro ao se libertar, em busca do desvencilhamento daquilo que a empurrava para o mesmo lugar, a de objeto com o qual a mãe podia gozar, indefinidamente. A partir dessa lógica, partimos do significante “doente” para demarcar a posição originária de Gypsy, que carregou a marca da invisibilidade do Outro perante uma mãe voraz e sufocante, o que fez prevalecer a vertente silenciosa da pulsão de morte, principalmente em toda a relação devastada com o Outro, que também se revelou nas ações posteriores de Gypsy, indo na contramão dos desígnios maternos. Viu-se com clareza que, quando Gypsy se referia à mãe, nutria um ódio cada vez mais intenso por ela, afeto que encontrou seu ápice no ato contra a vida da mãe, na tentativa que Gypsy se impôs a si mesma para barrá-la do acesso irrestrito ao seu corpo e à sua existência.

Realçamos o exemplo do mito de Édipo Rei de Sófocles, que, enquanto herói trágico, confronta-se com dois lugares, o de sujeito e o de objeto. Na história de Édipo, temos um exemplo descritivo de como esse herói se revelou para o Outro e para si mesmo, constituído simbolicamente em uma família que o articula em uma maldição, em uma herança familiar da qual não pôde se desvencilhar. Enquanto marcado pelo trágico, Édipo se lançou em um saber, que o levava a desvendar uma verdade, que compreendia seu enlace com o desejo e com um destino, também trágico. Havia um destino que Édipo precisava cumprir e disso decorria que uma responsabilidade ética se instituisse para ele, problematizando a tensão entre o desejo de saber e permanecer na paixão da ignorância.

Quinet (2015), no seu livro “Édipo ao pé da letra”, demarca um ponto crucial para Édipo quanto a deixar que se lance sobre ele uma luz para o seu lugar de objeto, “[...] objeto de filicídio e receptáculo de um oráculo herdado que o faz cumprir um destino que se iniciou antes dele” (Quinet, 2015, p. 11). O autor ressalta que, do lugar de tensão que se abre para Édipo, entre a paixão da ignorância e o desejo de saber, o que importa é que a responsabilidade ética se institua para ele, apesar de não ter escolhido tal destino, o da castração, da união da lei com o desejo. O autor traz outra dimensão sobre Édipo Rei de Sófocles, lançando mão de uma interpretação do herói movido pela paixão da ignorância, que salienta que ele não quer saber da desmedida do Outro, da desmedida do pai, da relação estreita que o pai tem com um gozo, que não está para além do Édipo, mas inserido nele. Um pai que aponta para o real, para isto que retorna como repetição e insistência para o sujeito.

Diante disso, o lugar de Édipo, no desejo dos pais, é uma incógnita que o atravessa e o ajuda a desvendar o que está por trás de tal desejo, que, no seu caso, é um enigma, pela presença marcante da figura da Esfinge, a lhe incitar a dúvida. Édipo sobreviveu a um abandono, foi dado como morto pelos seus pais e carregava no pé uma marca, “[...] a marca do gozo do pai real, do crime de Laio e sua desmedida, da maldição herdada, carregando, assim, a falta ética” (Quinet, 2015, p. 12).

Retomando o raciocínio sobre a responsabilidade trágica no caso da série, vimos que Gypsy se implicou em um ato frente à realização de uma ação, uma saída possível para mostrar-nos que o ser humano é movido por forças contraditórias. Os conflitos psíquicos, decorrentes da fusão amorosa com a mãe, permitiram que, diante dos excessos do Outro, algo precisasse ser feito. Gypsy tomou uma decisão, sugerindo uma ação articulada, planejada por ela em comunhão com seu namorado, ato que convocava um outro, um semelhante. Pelo insuportável da devastação com a mãe e do que se descortinou para Gypsy, para que algo novo emergisse, ela se lançou no movimento de operar, mediada por um terceiro, a sua separação da mãe. O desejo de Gypsy estava em barrar o gozo materno, inserir, como pudemos constatar, um ponto de basta para o que era demasiadamente intrusivo, interditando a série invasiva do Outro, opondo-se aos seus excessos.

Gypsy, a nosso ver, agiu eticamente, cabendo ressaltar que a posição da mãe não destituiu a filha de sua responsabilidade. A divisão do sujeito é uma marca da linguagem, portanto, uma marca do trágico, a de um sujeito regido pelas leis do inconsciente em conflito com o desejo do Outro e dividido entre os tempos passado e presente. No ato cometido contra a vida da mãe, o desfecho empreendido pela filha retirou de cena a própria figura da mãe. As partes finais da série compreenderam o entorno de Gypsy e seu desenlace do Outro. Tem-se, inevitavelmente, um novo enlace com o namorado se desdobrando, um tempo depois de transcorridas todas as infrações e escapes que imperavam em Gypsy e nas situações de desvencilhamento maternos e a ligação forte com o namorado, pós-morte materna.

Poderíamos dizer que a posição de Gypsy, na perspectiva de Freud, tem relação com o que acomete Édipo Rei, no mito sofocliano: a de sujeito e herói, que coincide na seguinte perspectiva: “[...] ambos não são isentos de sua implicação na ação, precisando responsabilizar-se com as forças enigmáticas que os motivam” (Almeida, 2014, p. 17). A trajetória edipiana, proposta por Freud, problematiza o trágico pelo viés de uma escolha forçada, sofrida, de perdas, dramas e lutos que tocam o âmago do sujeito. O dilema enfrentado por Gypsy consistiu em: viver ou morrer, ser objeto de gozo ou não ser, questão que sabemos não a dividiu, no que se refere ao desejo, e a personagem, no lugar de sujeito desejante, precisou escolher, confrontando

o que havia transcorrido entre ela e sua mãe, a de ter sido submetida a todo ato de intrusão e invasão materna. No caso de Édipo, o desejo que habita o herói, o divide entre o saber e o não-saber, mas que o destina a implicar-se na própria divisão que o acomete, sem que deixe de se responsabilizar pelo que escolhe fazer.

A noção do trágico, aqui defendida, dialetizou com o destino em que Gypsy se viu enredada. Apresentamos um aprisionamento ao significante materno “doente”, circunscrevendo um nó que a reduziu a objeto de cuidados extremos do Outro, sem contornos próprios. O conflito que se instalou foi o do amor e do ódio. Gypsy, sobretudo, enfrentou imperativos que precisou dominar dentro de si, implicando-se nas tentativas de se desvincular da mãe, saindo da posição de apenas objeto de gozo do Outro. A realização do desejo no sentido de Édipo e Gypsy é trágica. A escolha subjetiva de ambos não anulou suas contradições internas, correspondendo ao limite que foi preciso determinar para aquilo que os ultrapassava ou aniquilava. Apontamos o desenlace do corpo de Gypsy do corpo materno como um desfecho possível, que não acaba ali. Consideramos que irrompeu em Gypsy uma escolha forçada entre viver ou morrer. Gypsy não encontrou uma alternativa no campo do simbólico para lidar com o insuportável da falta da castração materna.

Frente aos delitos que realizou, escondida da mãe, foram se equivalendo a uma marca de passagem, diferente do que sempre impôs sua mãe. O desenlace do corpo funcionou como a resposta última que a filha encontrou para fazer valer uma singularidade perante sua mãe psicótica. O caráter desmedido do ato pôde encontrar suas soluções na lógica da responsabilidade trágica. A desfusão da relação mãe e filha garantiu um destino para Gypsy, que arquitetou sua própria história e deu relevo ao caráter extremo de uma devastação e suas consequências nefastas. O desfecho final deu sentido e nome ao “mais além” que operava continuamente entre mãe e filha.

Na narrativa que se fez de sua história, o que despertou o interesse inicial pela escrita desta dissertação esbarrou no tema do trágico, tanto é que a tomamos desde o primeiro capítulo como o nosso material clínico de pesquisa. Eis aqui o que se fez enigma na escuta diferenciada e singularizada de tal personagem na série. A escuta do trágico, o que avançou sobre o corpo de Gypsy e os efeitos da devastação como fatores que se articularam à sua história, dando voz, destino e contorno à sua existência. Mais uma vez, a questão do trágico se revelou em Gypsy como efeito da relação mãe e filha, tendo um papel crucial a estrutura psicótica da mãe, que viabilizou toda uma discussão em torno da noção de escolha, de singularidade, de ato e de responsabilidade trágica.

As marcas que se fizeram no corpo de Gypsy, a inscrição do significante doente produziu efeitos diversos, uma repetição e soma de atos maternos para garantir que nada escapasse ao seu controle, determinando, assim, quem se tornaria Gypsy Rose, a se debater contra tudo isso sem ter que se esquivar de uma responsabilidade que aponta para a ética do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos ao longo desta dissertação, o campo da devastação materna nos envolveu e nos implicou em uma reflexão sobre as relações singulares entre mães e filhas e as especificidades de cada experiência. Quando nos deparamos com a mulher, encontramos as bases e os fundamentos de uma constituição sexual feminina que regem a relação da filha com a mãe, a partir da escuta queixosa e constante que fazem do Outro materno.

Permito-me dizer que o projeto foi fruto das inquietações decorrentes da escuta da devastação que se iniciou no caso clínico. Como descrevemos, o caso clínico trouxe questões sobre o desejo materno, enquanto um enigma para o sujeito que realçou os seus efeitos daí decorrentes, face à devastação. A feminilidade materna é um desafio para toda filha mulher e, no caso clínico, encontramos indícios da dificuldade, nas entrelinhas da devastação, da filha alcançar um lugar no desejo, o que não impediu que o desejo se fizesse enigma para ela, remontando a uma história, na qual estavam implicados desejo e gozo maternos.

Sabe-se que a feminilidade materna não prepara nenhuma filha para o que virá a seguir, em relação à sua sexualidade, o que predispõe o caminho para que a menina construa uma relação singular com ela própria e com sua sexualidade. Para além da mãe, encontram-se mesclados os sentimentos de amor e ódio frente à castração da mulher, o que se originou com o Outro e com o que restou entre mãe e filha, a partir da constituição feminina.

O que pontuamos sobre a não distinção entre o lugar do filho e do falo no complexo edípico pode provocar a equivalência do sujeito como objeto de gozo materno e recair, em uma devastação, por exemplo, com uma filha tornando-se objeto de posse do gozo materno, um usufruto que não contempla as barreiras necessárias, para que não se incorra na “boca de crocodilo” materna. Vemos que, muitas vezes, as filhas ficam à deriva na relação com a mãe, sendo obrigadas a criarem contornos próprios e construírem caminhos diversos na constituição de si como mulher, em contínuo movimento e investimento em sua própria imagem para se tornar uma mulher.

Na devastação, constatamos que, para além da reivindicação fálica que a filha endereçaria à mãe, o real se impõe e excede o que poderia ser bordejado pelo simbólico, interpondo-se nas subjetividades femininas, cabendo à filha se haver com isso para sustentar um desejo singular e sua existência como sujeito nas ressonâncias com o feminino. Na devastação entre Gypsy Rose e Dee Dee Blanchard, Gypsy se viu presa a amarras psíquicas que não a separavam da mãe. A mãe dificultou-lhe o acesso ao seu próprio desejo, delineando uma menina que esteve totalmente comprometida com a realidade materna. Dee Dee estava toda

voltada e investida na função de mãe fixada ao corpo “doente” da filha. Entre elas, a devastação foi levada às suas últimas consequências e pôs-se em evidência as soluções que ambas construíram para si mesmas, frente à condição de loucura da mãe.

Assim como Freud ressalta que não há destino certo para a mulher na relação mãe e filha, a solução encontrada por Gypsy foi a de pedir a um namorado que matasse a sua mãe. As investidas abusivas contra a sua vida, em consonância com a silenciosa pulsão de morte, prepararam-na para uma escolha subjetiva forçada, que consideramos trágica. O pedido ao namorado para que matasse sua mãe corresponde a um desejo do qual precisou se apropriar, para que, através dele, decretasse uma solução possível para se ver livre das invasões maternas, que se excediam, de modo que consideramos que houve um atravessamento significativo pela experiência com o gozo materno.

O desejo materno, no caso clínico, foi um enigma para a paciente. Ela se interrogou sobre o desejo do Outro, dizendo: afinal, o que ela quer? Essa pergunta caracteriza o lugar do desejo, inscrevendo-se para o sujeito, que deseja saber sobre o desejo do Outro. Na leitura que fizemos sobre a interferência do gozo no corpo da mulher, que no caso clínico também apareceu, uma vez que a mãe era neurótica, na história de Gypsy fizemos uma leitura diferente a respeito do desejo e do gozo. No caso de Gypsy, tratou-se de uma mãe psicótica. A personagem não se perguntou sobre o desejo do Outro e nem lhe foram dadas condições para que sua assunção como sujeito se desse.

Retomando o caso clínico, sustentamos a hipótese de que a paciente, pelo vínculo que construiu com o Outro, e pela existência de um terceiro, o desejo materno se inscreveu para a mulher e a lei paterna operou com uma barra sobre o gozo materno. Percebemos sim que um gozo também se apresentava e a devastação entre mãe e filha era uma marca forte em sua trajetória de filha, mãe e mulher.

Já na abordagem da série, de fato, a prevalência de um gozo mortífero, em uma mãe absoluta, carregou os traços da posição do sujeito diante do Outro, que capturou no seu gozo e não no seu desejo a própria filha, que se escancarou radicalmente para a personagem. O corpo de Gypsy foi extremamente invadido, absorvido pelas marcas que o Outro lhe imprimiu, um corpo apêndice, doente e sustentado na loucura materna. Durante todo o trabalho, interrogamos o que faria enigma para uma filha na sua relação com a mãe, partindo da ligação ambivalente entre desejo e gozo, vida e morte, em decorrência da presença materna absoluta nas manifestações do amor e do ódio tão intensos entre elas.

A intrusão materna tocou na questão da não operação de uma lei simbólica e a filha ficou entregue e submissa às leis da mãe. Subjetivada pelo significante “doente”, Gypsy esteve

nos limites entre vida e morte, entre ser e não ser. Conseguiu, em uma ligação amorosa com um homem, sair à força da relação fusional, ao pôr um limite real ao corpo materno. Se “livrou” da mãe a partir de um ato cometido pelo namorado, ato do qual também participou, escutando no banheiro os gritos e as manifestações da mãe ao ser atacada e morta por ele.

Gypsy construiu uma história singular pela via do trágico. Este fenômeno se apresentou como uma resposta sobre a responsabilidade trágica do sujeito, perante o ato que advém como um corte, caracterizando o sujeito trágico que não pode renunciar ao seu desejo. Os efeitos da devastação na subjetividade de Gypsy, que consentiu com sua submissão à mãe, foram inscrevendo para ela um desenlace trágico, com um fim abrupto representado na morte real da mãe. Portanto, vemos que foram realizadas duras e penosas trajetórias por ambas as mulheres aqui destacadas, obrigando-as a se responsabilizarem pelas marcas deixadas pela mãe, enquanto mulher e Outro, bem como pelos destinos foram escritos por elas, marcando um limite necessário para a relação devastada com suas mães.

Concluimos que a personagem, como filha e mulher, traçou um destino trágico para ela, elucidando, no *a posteriori*, um sujeito que, *a priori*, esteve presa à mãe e às suas leis imperiosas, submissa aos seus desígnios e comandos: “você me ama, eu amo você”, “vai ser uma menina boazinha agora”? As mudanças que se revelaram para a personagem se tornaram fundamentais, dando contorno à sua posição subjetiva e respaldo para o que foi possível ser delineado na relação com a mãe. Ficou-se em suspenso a questão de se Gypsy realmente se liberou das amarras da mãe, logo após sua morte. Esta é uma questão que se delineou na discussão, que tivemos sobre as saídas encontradas pela personagem para pôr fim às invasões desse Outro, ou seja, se a morte real da mãe “destruiria” toda a representação e experiência devastadora que Gypsy construiu com ela.

Concluimos que o ato de matar a mãe marcou uma diferença na sua posição subjetiva, mas como sua história é uma construção narrativa fictícia, não temos como nos valer das inúmeras possibilidades de saídas posteriores com as quais Gypsy poderá circunscrever seu destino, inclusive, se a mãe, na sua fantasia, ainda prevaleceria. O que se revelou, na verdade, foi a insustentável relação que uma mãe pôde construir com sua filha face à destrutividade que uma devastação pode fazer existir entre elas, a realizar grandes estragos na vida de cada uma.

Nesse sentido, a partir do trágico, pusemos em relevo o “mais além” da devastação e a singularidade do que permaneceu atuando como força incontrolável em Gypsy Rose, aparecendo na realidade do ato que demarcou uma operação radical de corte contra o Outro. Os desfechos que se deram nas duas situações que analisamos, o caso clínico e a história de Gypsy, tiveram naturezas distintas, em virtude do lugar da mãe na vida delas, da própria força psíquica

de cada uma, para se confrontar com os resíduos maternos e do que operou como suplência nos encontros e desencontros nas outras relações sociais, garantindo suas existências singulares como mulheres.

Na série, tivemos uma posição materna que consideramos ser uma psicose, pois nela observamos as especificidades de um gozo avassalador, intrusivo, que se escancarou para a filha, analisada nas suas falas, permitindo-nos constatar que algo se sobressaía da relação, no caso, o trágico como consequência de uma responsabilidade pelo ato que se empreendeu, referido a uma escolha subjetiva e aos efeitos da devastação que apontou para o real. Em uma observação minuciosa do caso clínico, em um contraponto à série, nele, a partir do que extraímos da interrogação da paciente “o que ela quer de mim”, constatamos a possibilidade da filha se fazer tal pergunta, que revelou o desejo enigmático do Outro, e, nesse ponto, demarcou a função do desejo e as possíveis respostas que a filha encontrou para dar contorno ao vazio que ele imprimiu.

No caso de Gypsy, nem foi possível que essa pergunta fosse feita, parecia não haver espaço para tal questão frente a tantas interrupções e preenchimentos com as falas da mãe. Não vimos surgir a pergunta durante todo o enredo cênico, tratando-se muito mais de uma verdade absoluta, que se impunha como única alternativa para ela. Neste momento, de inconclusão de um trabalho, apontamos a necessidade de seguirmos pensando sobre as relações entre mães e filhas, especialmente nos casos extremos de devastação, para os quais prevalecem a relação do corpo da filha constituído no gozo mortífero materno.

A questão do corpo da filha abre discussões possíveis nestes casos, de difíceis manejos clínicos e de muito trabalho a ser feito com as mulheres que vivenciam com muita dor a devastação com a mãe, filhas que se queixam da figura materna e permanecem sofrendo, evidenciando sua relação tão particular com a figura materna, mesmo desenvolvendo e estando em novas relações amorosas e sociais. Cabe aqui apontar a relevância do tema e suas especificidades, abrindo as portas para novas discussões sobre a devastação e o corpo feminino na relação com o gozo materno, como a clínica psicanalítica elucida, dizendo-nos que nunca desconsideremos o sujeito do desejo que daí deve advir, além da relevância do conceito de gozo, destacado por Lacan em seu ensino.

A presença do gozo segue persistindo no discurso de muitas mulheres, ancoradas na relação materna, esbarrando na clínica e seguindo pelos discursos nos quais a mãe sempre aparece, seja em seu modo soberana, avassaladora, cruel, ausente demais, presente demais, excessiva, mortífera etc. Dito isso, a pesquisa nos trouxe grandes questões e possíveis interpretações sobre o sujeito trágico e pudemos discuti-las à luz da psicanálise, o que nos

permitiu avançar na escrita. Ainda assim, não pretendemos esgotar os pensamentos sobre o sujeito trágico e sua responsabilidade, que tem na força da heroína Antígona e no mito de Édipo uma relação intrínseca e fundamental.

Tais heróis da tragédia nos ajudaram a formular ideias que se articularam à história da personagem Gypsy, no sentido de que, como sujeito trágico, o seu ato revelou um desejo, do qual não se pôde escapar. Com isso, a relação com o gozo materno foi cernindo o ser de Gypsy que, em um ato desmedido, revelou um desejo singular, uma escolha forçada para barrar o Outro, para poder viver, de modo que, como Édipo e Antígona, Gypsy se responsabilizou tragicamente pelo ato que lhe destinou uma saída trágica. Portanto, seguimos considerando que tais temas avancem para que novas pesquisas sejam realizadas, com destaque para a clínica e para a pesquisa com a psicanálise.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I. V. **A trilogia tebana**: a constituição psíquica e a experiência trágica. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- BASSOLS, M. O feminino, entre centro e ausência. **Opção Lacaniana online**, [S.l.], ano 8, n. 23, p. 1-15, jul. 2017.
- BENHAÏM, M. **Amor e ódio**: a ambivalência da mãe. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.
- BESSA, G. **Feminino**: um conjunto aberto ao infinito. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- BROUSSE, M-H. **Mulheres e discursos**. Rio de Janeiro: Conta capa, 2019.
- DRUMMOND, C. Devastação. **Opção Lacaniana Online**, [S.l.], ano 2, n. 6, 2011.
- DUNLEY, G. **O silêncio da acrópole**: Freud e o trágico uma ficção psicanalítica. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária: Editora Fiocruz, 2001.
- EULÁLIO, A. **Amores loucos**: a devastação materna e nas parcerias amorosas. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2018.
- FIGUEIREDO, A. C. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, Ano 7, n. 1, p. 75-86, mar. 2004.
- FIGUEIREDO, L. C. A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa psicanalítica. In: QUEIROZ, E. F.; SILVA, A. R. R. (org.). **Pesquisa em Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 129-142.
- FREUD, S. A feminilidade. In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 p. 313-345. (Original publicado em 1933).
- FREUD, S. **História de uma neurose infantil**: (“o homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Originalmente publicado em 1920).
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LACAN, J. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 734-745. (Original publicado em 1960).
- LACAN, J. O Aturdido. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497. (Original publicado em 1972).
- LACAN, J. **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Original publicado em 1969-1970).

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a. (Original publicado em 1972-1973).

LACAN, J. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Original publicado em 1957-1958).

LACAN, J. **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. (Original publicado em 1959-1960).

LACAN, J. **O seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (Original publicado em 1956-1957).

MARSILLAC, A. L. M.; BLOSS, G. M.; MATTIAZZI, T. Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 787-808, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/46918>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MAURANO, D. **Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos**. São Paulo: Aller, 2023.

MELLO, D. M.; SOUZA, J. D. S. A devastação no masculino e a violência contra o feminino nas mulheres. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 749-775, dez. 2021.

MIRANDA, E. R. **Desarrazoadas**: devastação e êxtase. Rio de Janeiro: Contracapa, 2017.

NASIO, J. D. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PASTORE, J. A. D. **O trágico**: Schopenhauer e Freud. 2012. 381 f. Tese (Doutorado em ciências da religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PASTORE, J. A. D. **O trágico**: Schopenhauer e Freud. São Paulo: Primavera Editorial, 2015.

PATITUCCI, A. C. A. **O homem trágico de Freud**. 2008. 301 f. Tese (Doutorado em ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

QUINET, A. **Édipo ao pé da letra**: fragmentos de tragédia e psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SEGAL, I. F. **Sobre o gozo na clínica psicanalítica com mulheres devastadas**. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SILVEIRA, L. C. Mãe e filha: laços de desejo e devastação. **Marraio**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 25-32, set. 2008.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VORSATZ, I. **Antígona e a ética trágica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ZALCBERG, M. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ZALCBERG, M. **Amor**: paixão feminina. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

ZALCBERG, M. **De menina a mulher**: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise. Rio de Janeiro: Edições de janeiro, 2019.